

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

PLAUTO

A COMÉDIA  
DO FANTASMA  
(‘MOSTELLARIA’)

TRADUÇÃO DO LATIM, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO  
REINA MARISOL TROCA PEREIRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

**Apresentação:** Esta série procura apresentar em língua portuguesa obras de autores gregos, latinos e neolatinos, em tradução feita diretamente a partir da língua original. Além da tradução, todos os volumes são também caracterizados por conterem estudos introdutórios, bibliografia crítica e notas. Reforça-se, assim, a originalidade científica e o alcance da série, cumprindo o duplo objetivo de tornar acessíveis textos clássicos, medievais e renascentistas a leitores que não dominam as línguas antigas em que foram escritos. Também do ponto de vista da reflexão académica, a coleção se reveste no panorama lusófono de particular importância, pois proporciona contributos originais numa área de investigação científica fundamental no universo geral do conhecimento e divulgação do património literário da Humanidade.

Breve nota curricular sobre o autor da tradução

Professora Auxiliar com Agregação (Departamento de Letras, Universidade da Beira Interior). Doutoramento em Letras (Linguística), pela Universidade da Beira Interior, 2003; 2º Doutoramento (Literatura Grega), pela Universidade de Coimbra; Mestrado em Literaturas Clássicas, Universidade de Coimbra, 2000; Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, Universidade de Coimbra, 1997; Professora Auxiliar, com vínculo, na Universidade da Beira Interior (leccionação de disciplinas de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento, no âmbito da Cultura Clássica, Literatura, Teoria da Literatura e Linguística); Directora do Curso de Mestrado em Estudos Ibéricos (até 2009); Directora do Curso de Mestrado em Ciências Documentais (desde 2009); membro do Centro de Investigação de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra; traduções publicadas (grego-português, latim-português) e artigos; Pós-Doutoramento (Literatura e Cultura Latina e Humanista), Universidade de Coimbra, 2013.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

**ESTRUTURAS EDITORIAIS**  
SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

ISSN: 2183-220X

**DIRETORES PRINCIPAIS**  
MAIN EDITORS

António Manuel Rebelo

Universidade de Coimbra

José Luís Brandão

Universidade de Coimbra

Margarida Lopes Miranda

Universidade de Coimbra

**ASSISTENTES EDITORIAIS**  
EDITORIAL ASSISTANTS

Elisabete Cação, João Pedro Gomes, Nelson Ferreira

Universidade de Coimbra

**COMISSÃO CIENTÍFICA**  
EDITORIAL BOARD

Aires do Couto

Universidade Católica - Viseu

Nair Castro Soares

Universidade de Coimbra

Arnaldo do Espírito Santo

Universidade de Lisboa

Francisco de Oliveira

Universidade de Coimbra

Carlos Ascenso André

Universidade de Coimbra

Paula Cristina Barata Dias

Universidade de Coimbra

Cláudia Teixeira

Universidade de Évora

Paulo Sérgio Ferreira

Universidade de Coimbra

Elaine Cristine Sartorelli

Universidade de São Paulo

Ricardo Cunha Lima

Universidade de São Paulo

Italo Pantani

Università degli Studi di Roma 'La Sapienza'

Saul António Gomes Coelho da Silva

Universidade de Coimbra

Jacques Paviot

Université Paris-Est

Tom Earle

Universidade de Oxford

José Löhner

Universidade de São Paulo

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS

A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

PLAUTO

A COMÉDIA DO  
FANTASMA  
(‘MOSTELLARIA’)

TRADUÇÃO DO LATIM, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

REINA MARISOL TROCA PEREIRA

UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

SÉRIE AUTORES GREGOS E LATINOS

TÍTULO TITLE

A Comédia do Fantasma ('Mostellaria')  
The Haunted House

AUTOR AUTHOR

Plauto

TRADUÇÃO DO LATIM, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO

TRANSLATION FROM THE LATIN, INTRODUCTION AND COMMENTARY

Reina Marisol Troca Pereira

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra  
Coimbra University Press

Annablume Editora \* Comunicação

[www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

[www.annablume.com.br](http://www.annablume.com.br)

Contacto Contact

[imprensa@uc.pt](mailto:imprensa@uc.pt)

Contato Contact

[@annablume.com.br](mailto:@annablume.com.br)

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

**FCT**

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

RECONHECIDA POR GOVERNO FEDERAL

POCI/2010

Infografia Infographics

Nelson Ferreira

Impressão e Acabamento Printed by

[www.artipol.net](http://www.artipol.net)

ISSN

2183-220X

ISBN

978-989-26-0895-2

© Novembro 2014

ISBN Digital

978-989-26-0896-9

Annablume Editora \* São Paulo  
Imprensa da Universidade de Coimbra  
Classica Digitalia Vniversitatis  
Conimbrigensis

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0896-9>

<http://classica.digitalia.uc.pt>  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos  
da Universidade de Coimbra

Depósito Legal Legal Deposit

383986/14

Trabalho publicado ao abrigo da Licença This work is licensed under

Creative Commons CC-BY (<http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/pt/legalcode>)

PLAUTO

A COMÉDIA DO FANTASMA ('MOSTELLARIA')  
THE HAUNTED HOUSE

TRADUÇÃO, INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO POR  
TRANSLATION, INTRODUCTION AND COMMENTARY BY  
Reina Marisol Troca Pereira

FILIAÇÃO AFFILIATION  
Universidade da Beira Interior

RESUMO

Numa comédia de ilusão e de conflito de valores, o jovem Filólaques, aproveitando a ausência do pai, endivida-se em festas e na compra da liberdade da sua amada escrava. O regresso inesperado do *senex* suscita o engenhoso plano do escravo Tranião. Face à falsa notícia de que a casa estava assombrada, justifica-se o pedido de dinheiro a um usurário para adquirir a casa do vizinho. Desfeitos os momentos de *quid pro quo*, Calidamates, jovem amigo de Filólaques, conduz a um final feliz – depois de acalmar a situação, argumentando que o dinheiro será reposto, o *senex* Teoprópides confere o perdão.

PALAVRAS-CHAVE

casa assombrada; escravo esperto; engano; casa dilapidada; dinheiro; amizade; amor.

ABSTRACT

In this comedy of deception and conflict of values, the young Philolaches, taking advantage of the absence of the father, became indebted due to the parties he has hosted and the purchase of his beloved courtesan. The unexpected return of the *senex* requires the ingenious scheme of the slave Tranio. Once given the news that the house was haunted, the money loaned from the usurer was justified, to purchase the house of the neighbor. After all the scenes of *quid pro quo* were clarified, Callidamates, a friend of Philolaches, conveys the comedy to a happy ending - after stabilizing the situation, arguing that the money will be restored, the *senex* Theopropides gives his forgiveness.

KEYWORDS

haunted house; clever slave; deceit; dilapidated house; money; friendship; love





## AUTOR

Professora Auxiliar com Agregação (Departamento de Letras, Universidade da Beira Interior). Doutoramento em Letras (Linguística), pela Universidade da Beira Interior, 2003; 2º Doutoramento (Literatura Grega), pela Universidade de Coimbra; Mestrado em Literaturas Clássicas, Universidade de Coimbra, 2000; Licenciatura em Línguas e Literaturas Clássicas e Portuguesa, Universidade de Coimbra, 1997; Professora Auxiliar, com vínculo, na Universidade da Beira Interior (leccionação de disciplinas de Licenciatura, Mestrado e Doutoramento, no âmbito da Cultura Clássica, Literatura, Teoria da Literatura e Linguística); Directora do Curso de Mestrado em Estudos Ibéricos (até 2009); Directora do Curso de Mestrado em Ciências Documentais (desde 2009); membro do Centro de Investigação de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra; traduções publicadas (grego-português, latim-português) e artigos; Pós-Doutoramento (Literatura e Cultura Latina e Humanista), Universidade de Coimbra, 2013.

## AUTHOR

Auxiliary Professor with Aggregation (Faculty of Letters, University of Beira Interior). Ph.D. in Arts (Linguistics), University of Beira Interior, 2003; 2nd PhD (Greek Literature), University of Coimbra; Master in Classical Literature, University of Coimbra, 2000; Degree in Classical and Portuguese Languages and Literatures, University of Coimbra, 1997; Assistant Professor at the University of Beira Interior (teaching disciplines of Bachelor, Master and PhD within the Classical Culture, Literature, theory of Literature and Linguistics), Director of the Master Course in Iberian Studies (until 2009) and Information Sciences (since 2009), member of the Research Centre for Classical and Humanistic Studies at the University of Coimbra; published translations (Greek-Portuguese, Latin-Portuguese) and articles; Post-Doctoral Degree (Literature and Latin Culture and Humanistic), at the University of Coimbra, 2013.



# SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
NOTA PREAMBULAR	12
INTRODUÇÃO	13
Manuscritos/Edições	13
Modelo	16
Palco	17
Sinopse	17
Temas	20
Estrutura	22
Personagens	24
<i>A COMÉDIA DO FANTASMA ('MOSTELLARIA')</i>	29
Acto I	32
Acto II	55
Acto III	72
Acto IV	98
Acto V	115
BIBLIOGRAFIA	127
ÍNDICE TEMÁTICO	133



## PREFÁCIO

Traduzir a *Mostellaria* para o Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra pretende proporcionar aos leitores de língua portuguesa o contacto com a produção literária da Antiguidade Clássica, neste caso, de um dos mais emblemáticos autores com obra sobrevivente no âmbito da dramaturgia latina. Reconhecidas a comicidade e coloquialidade discursiva de Plauto, ainda que qualquer tradução implique, com os devidos limites, um exercício de recriação, exegese e mediação, importava ultrapassar barreiras de entendimento linguístico e civilizacional para ampliar a comunicação com motivos, figuras e enredo de actualidade/funcionalidade risível/didáctica.

*Comédia do Fantasma* (ou *Casa Assombrada*) corresponde à versão em língua portuguesa apresentada em 2002, numa publicação de Ediciones Clásicas/Liga de Amigos de Conímbriga, considerando o texto latino acompanhado de aparato crítico, apresentado em Ritschl, Ramsay e Lindsay<sup>1</sup>. Uma reedição inclui-se na publicação aguardada dos *opera omnia* plautinos, pela INCM, pelo que se destacam, nesta edição, referências respeitantes a esta obra em particular e não a aspectos generalistas sobre Plauto e a dramaturgia latina. Entretanto, a presente versão comporta uma introdução, notas e bibliografia distintas, para além de alterações pontuais à tradução primeiramente publicada.

Desejam-se, pois, momentos de leitura aprazível e proveitosa.

Coimbra, 20 de Junho de 2014

---

<sup>1</sup> Vd. texto e estrutura em Ritschl, F. (1852), *T. Macci Plauti Mostellaria*, Bonnae, Koenig; Ramsay, W. (1869), *Mostellaria of Plautus. With notes critical and explanatory. Prolegomena and excursus*, London, Macmillan; Lindsay, W. (1950), *T. Macci Plauti Comoediae. Mostellaria, 2, Oxonii*, E Typographeo Clarendoniano. Cf. critério de entrada e saída de personagens utilizado para divisão de cenas.

## NOTA PREAMBULAR

### ABREVIATURAS

Na presente tradução, as abreviaturas usadas de autores e obras da Antiguidade Greco-Latina são as de Liddell, H., Scott, R. (1992), *A Greek-English Lexicon*, New York, Oxford University Press, e Glare, P. (1982), *Oxford Latin Dictionary*, New York, Oxford University Press.

As publicações periódicas são referidas pelas abreviaturas de *L'Année Philologique*.

## INTRODUÇÃO

Desde períodos assaz vetustos, a cultura Romana, instituída num território ocupado por diversas civilizações, caracterizou-se por ser compósita e emanativa, como atesta o fenómeno da romanização, mas igualmente receptiva à incorporação de influências externas, de forma mais comedida, ou mais exaustiva. Neste sentido, apresentam-se também as *helenizações* enquanto expressão de um fenómeno múltiplice, pluridimensional e multifaseado, mais expressivo em certos períodos.

Ora, o Sarsinate começou a escrever comédias tomando por base ilustres autores gregos<sup>2</sup>, tais como Dífilo; Menandro (cf. Luscius Lanuvinus); Filémon; Demófilo e Apolodoro, pelo que foi ganhando reconhecimento público, tornando-se um dos escritores mais desprezados por alguns (cf. Evântio de Constantinopla)<sup>3</sup>, imitado por muitos e idolatrado por outros (cf. Stilo, ad Quint. *Inst.* 10.1.99; *palma in sermonibus*, Var. fr.399 Astbury).

### MANUSCRITOS/EDIÇÕES

Entre as peças incluídas no cânone *Varroniano*, conta-se a *Comédia do Fantasma*, de título original *Mostellaria*, provavelmente composta após o ano de 193 a.C., quiçá 188 a.C.<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> A propósito de possíveis modelos de referência para a *Mostellaria*, vd. Wallach 1979; Knorr 1934; Ritschl 1845. Cf. O'Bryhim 2010. Sobre inovações, cf. Lowe 1985.

<sup>3</sup> Cf. Fontaine, M. — Scafuro 2014: 779.

<sup>4</sup> Vd. Buck 1940: 86; Sedgwick 382. Cf. Schutter 1952.

São duas as principais famílias de manuscritos da obra<sup>5</sup>, a saber: Palimpsesto da Biblioteca Ambrosiana de Milão (*Palimpsestus Ambrosianus*), do século IV; Palatino (Ms. da Biblioteca Palatina), englobando os restantes manuscritos, em minúsculas, posteriores ao século X.

O texto, ainda que incompleto e corrompido em algumas partes, alcançou a hodiernidade<sup>6</sup> muito graças ao humanista italiano dos séculos XIV/XV, Giovanni Francesco Poggio Bracciolini, notável pela descoberta de manuscritos com produções literárias de autores da Antiguidade Clássica (e.g., em 1415, Cic. *Clu.*, *S. Rosc.*, *Mur.*, *Mil.*, *Cael.*). Constam, neste espólio de achados, também doze comédias plautinas, cujo conhecimento só a partir de 1429, através de Nicolau de Cusa, secretário de Martinho V, se junta a *Amphitruo*, *Asinaria*, *Aulularia*, *Captivi*, *Casina*, *Cistellaria*, *Curculio*, *Epidicus*. De facto, inicialmente, os manuscritos disponíveis continham apenas as oito primeiras peças, em sucessão alfabética (E - Milão, século XII; V - Leiden, século XII; J - *Codex Britannicus*, no British Museum, século XII). Diversos manuscritos apresentam os escritos reconhecidos de Plauto, designadamente A - *Codex Ambrosianus* / Palimpsesto de Milão - *Mostellaria*, fasc. XL-XLIV (séc. V/VI). E também, com as últimas doze comédias, após descoberta do *Codex Ursinianus* (D), Vaticano, século XI, os Mss. B - *Vetus Codex Camerarii* - (séc. XI)<sup>7</sup>, cabendo ao título *Mostellaria*, em capitulares vermelhas, 12 folhas, regra geral com 52 linhas; C - *Codex alter de Camerarius* (*Codex Decurtatus*. Cf. *Pareus*), séc. XII, inicialmente com as vinte peças, porém depois subtraídas as oito primeiras<sup>8</sup>.

<sup>5</sup> Cf. Studemund 1866; Studemund 1889; Sonnenschein 1890.

<sup>6</sup> As datas referentes a manuscritos não são consensuais. Vd. Ramsay 1869. Cf. Lindsay 1896.

<sup>7</sup> Cf. Lindsay 1896, B - *Vetus Codex*, no Vaticano (séc. X).

<sup>8</sup> Cf. Lindsay 1896, C - *Codex Decurtatus*, em Heidelberg (séc. XI), também conhecido por *Codex Heidelbergensis* 1613 *Palatinus* C. Vd.



Outrossim, D - *Codex Vaticanus* 3870, de datação similar a C e idêntico ao Ms. trazido da Alemanha por Nicolau de Treves e entregue ao Cardeal Orsini; F - *Codex Lipsiensis/Suritanus* (cf. Hieronymus Surita, séc. XVI), séc. XIV/XV; T - *Codex Turnebi* (séc. XVI)<sup>9</sup>. Ademais, importa referir outros Manuscritos do Vaticano (*Codd. Vatic.*), do séc. XV, através das siglas G, H, K.

A *editio princeps* (Z) das vinte obras correntemente atribuídas a Plauto, onde consta igualmente *Mostellaria*, deve-se a Giorgio Merula, na localidade de Veneza, no ano de 1472 (PLAVTI *Comoediae* XX. per Georgium Alexandrinum Merulam *emendatae*. EDITIO PRINCEPS, Esempl. elegantiss. Corio Turcico, Foliis deauratis, cum Illuminationibus, Venet. per Johan. de Colonia, et Vind. de Spira 1472)<sup>10</sup>. Seguiram-se a esta múltiplas edições, nos séculos XV (*viz.* Ferrara. Tarvis 1482; Scutarius de Vercelli, 1490; Saracenus. Veneza, 1499) e XVI (*viz.* Baptista Pius. Milão, 1500; Beroaldus. Bolonha 1500; Pylades Buccardus. Brescia, 1506; Ugoletus. Parma, 1510; Pylades Buccardus. Veneza 1511; Simon Charpentarius. Lyon, 1513; Nicolaus Angelius. Florença, 1514, 1522; Aldus & Andrea Asolanus. Veneza, 1522; Lambinus. Paris, 1576), apresentando um maior ou menor número de remodelações (cf. Pylades) e interpolações. Ainda no século XVI, surgiram edições parciais das comédias plautinas (1545, 1549), por Joachim Camerarius, antes da versão completa das vinte obras, publicadas em 1552, tendo em consideração dois manuscritos adquiridos, até à altura não conhecidos: *Codex Decuriatus* e o denominado *Vetus Codex Camerarii*. O conjunto da produção

---

Fortson 2008: 12, Chelius 1989.

<sup>9</sup> Cf. Lindsay — Sonnenschein 1899.

<sup>10</sup> Cf. Renouard 1819: 308: *M. Accii Plauti Comoediae* XX, *ex recognitione Georgii Merulae Alexandrini*. Venetiis, opera et impendio Joannis de Colonia Agripinensi : atq; Vindelini de Spira, 1472, in-fol. mar. bleu du Levant.

dramática plautina da incompleta e controversa<sup>11</sup> lista de duas dezenas de obras (com fragmentos, cf. Mai, 1815) continuou a suscitar novas edições no decurso dos séculos subsequentes, como as de Pareus, 1610; Fredericus Gronovius, 1684, 1740, 1763; Josephus Cominus, 1764; Richard Brunck, 1779-1780; Frider, 1789; Bothe, 1834; Weise, 1837-1838, 1886; Ussing, 1886; Leo, 1885-1896); Ritschl, 1848-1854, entre outras.

### MODELO

A obra em apreço seguiu o modelo de congêneres helénicas da νέα κομωδία dos séculos IV/III a.C. (cf. Helenização) intituladas *Phasma* (*Fantasma*), designadamente da autoria de Menandro e, com maior probabilidade, de Filémon. É o próprio Plauto que indicia o caso, numa intervenção com um certo cariz metaliterário, nos versos 1149-1151:

*TH. Quid ego nunc faciam?*

*TR. Si amicus Diphilo aut Philemon es, dicto is  
quo pacto tuo te seruos ludificauerit; optumas  
frustrationes dederis in comoediis.*

O Sarsinate não se limitou, contudo, a elaborar uma simples tradução latina, tendo enriquecido as suas produções com elementos tipicamente romanos e explorando, de modo exímio, a língua e os metros próprios da sua pátria.

---

<sup>11</sup> Por certo, Platão terá produzido mais comédias, mesmo limitando o seu período produtivo entre 207-184 a.C.

## PALCO

Porque o cenário e o guarda-roupa são de feição grega, esta comédia insere-se na categoria das *fabullae palliatae*.

As peripécias decorrem durante o dia (vd. 579: *circiter meridiem*. Cf. 966: *merenda*), na cidade de Atenas, na Grécia, dado curioso, ao considerarem-se, por exemplo, as referências, não à ágora, mas ao fórum, uma parte da cidade exclusivamente romana.

No palco, gere-se a entrada e a saída dos actores através de duas vias de acesso: uma, por norma, à esquerda do espectador<sup>12</sup>, conduzia ao porto (ou ao campo); outra, do lado direito da audiência, ao fórum (ou à cidade). Consta também a existência de uma ruela ao centro, o *angiportus* (cf. 1045). Assim se justifica a ausência de certas personagens, ou que vários actores em cena não se vissem uns aos outros, como requerido pelo enredo. Poderemos conceber então um cenário constituído pela fachada da casa de Teoprópides, separada do domicílio de Simão por uma ruela. À sua frente estaria o altar e, por convenção cénica, a saída para o Pireu situar-se-ia do lado esquerdo da audiência, e a via que conduzia ao centro da cidade, do lado direito. Isto significava que todos os acontecimentos decorriam em plena rua, inclusive a cena 3 do acto I, na qual Filemácio se penteia e maquilha para agradar ao jovem Filólaques.

## SINOPSE

Em jeito de sinopse, no palco, viria a ser representado o culminar de uma situação que tivera início três anos antes: Teoprópides era um velho abastado, afinal o *paterfamilias*, que viajara, deixando em Atenas o seu jovem filho, Filólaques, na

---

<sup>12</sup> Sonnenschein 1884: VII.

companhia de vários escravos, alguns dos quais trabalhavam no campo, como Grumião, e outros na cidade. O servo inteligente e trapaceiro, tão característico das peças plautinas, é, nesta obra, Tranião, o qual constituiu um mau exemplo para a conduta do *erilis filius* Filólaques. Face à frequência das festas e à compra da meretriz Filemácio, os bens não só haviam sido dissipados, como existia uma elevada quantia a pagar ao usurário Misargírides.

Quando o velho Teoprópides regressa a Atenas, dando graças a Neptuno por ter chegado são e salvo, mal sabia o que o esperava. Ao constatar o seu retorno, Tranião apressa-se a informar o seu jovem senhor, que então se encontrava em casa, na companhia da sua amada, bem como do seu amigo Calidamates e da companheira deste, Delfio. Vários são os símbolos utilizados na tragédia com conotações do foro do *pathos*, aproveitados também na cena plautina. Se conhecemos a casa<sup>13</sup> dos Atridas como *topos* deveras explorado na literatura trágica; na *Comédia do Fantasma*, a casa é igualmente local de uma cena, desta feita, trágico-cômica. Na realidade, em seu torno, flui a desgraça do velho Teoprópides.

Ora, o enredo complicara-se deveras, em virtude de Calidamates se encontrar completamente ébrio, não sendo possível removê-lo do local onde se deitara. Perante isto, Tranião concebe um complicado esquema para iludir Teoprópides: o seu filho teria abandonado a casa, uma vez que o fantasma de um hóspede assassinado pelo antigo proprietário da habitação lhe aparecera em sonhos<sup>14</sup>. É a assunção desse temor que serve de ponto de partida ao estratagema de Tranião, convencido do terror que o velho seu amo sentiria decerto face à notícia de ter a sua casa envolvida num duplo cenário de crime e assombração. Toda a

<sup>13</sup> Cf. Grimal 1976; Nichols 2010; Philippides 1999.

<sup>14</sup> Vd. Serv. *A.* 2.761: *asylum*. Cf. Potter — Dunbar — Anthon 1824: 174; Ziegler 1982.

peça resulta, assim, numa ilusão, neste caso, desenrolada à volta de outra ilusão.

Tudo estaria bem se o agiota não tivesse aparecido, nesse preciso momento, com o intuito de cobrar a dívida, acrescida de juros, que o velho desconhecia.

A imaginação do escravo é novamente accionada. Filólaques teria pedido emprestada uma tão avultada quantia, a fim de adquirir uma outra residência - nada mais, nada menos, do que a do velho vizinho Simão. A situação, todavia, agrava-se, quando Teoprópides exige ver a recente “aquisição” do filho.

Juntamente com Simão, igualmente enganado, o escravo apresenta a casa ao seu senhor. O plano de Tranião é, contudo, descoberto, num diálogo entre Teoprópides e os dois servos de Calidamates: Fanisco e um Outro Servo (Pinácio), o que denuncia uma falta de solidariedade de classe na sua globalidade, acrescida de uma atmosfera de intriga e até de alguma inveja, decorrente de privilégios próprios de sectores/tipos da mesma classe.

Furioso, o velho concebe uma artimanha para castigar o servo trapaceiro. Ao aperceber-se do facto, Tranião refugia-se no altar<sup>15</sup>, recusando-se, terminantemente, a sair. Tratava-se de um local seguro, inatacável, porquanto o indivíduo aí escondido gozava da protecção da divindade. Atentar contra tal, representaria, para o infractor, incorrer numa pesada falta. Servindo-se de tal expediente, Tranião consegue fugir ao castigo.

Qual “*Deus ex machina*” do drama trágico, Calidamates persuade o velho a perdoar, não apenas o seu filho, mas também o serviçal, com a certeza, porém, de que seria castigado de futuro, no caso (deveras provável) de fazer algo que justificasse uma punição.

---

<sup>15</sup> Cf. Granarolo 1990.

## TEMAS

Se todas estas peripécias despertam o riso dos espectadores/leitores, momentos há que se propiciam à reflexão e ponderação por parte da assistência. É o caso dos princípios que regem a conduta da jovem Filemácio, apesar dos conselhos de Escafa, um perfeito paralelo feminino de Tranião; ou ainda do momento em que Filólaques, consciente do seu estado, compara, num longo solilóquio, a educação e a conduta de vida humana à construção e preservação de uma casa.

A partir da súpula da obra ganha particular relevo o artifício do espectro astutamente confabulado pelo escravo Tranião, móbil central da trama dramática apropriadamente intitulada *Mostellaria* (*Comédia do Fantasma*). Eis, porventura, um termo, quiçá elaborado por Plauto, para o efeito - *mostellum* ('espectro'), um diminutivo de *monstrum* - *mo(n)strellum*, com o sufixo *-aria* (cf. *Aulularia*, *Asinaria*). Apela Plauto à construção semiótica a que o público da Antiguidade Clássica parecia acostumado, na substituição mental a que obrigavam códigos de interrupção representativa de episódios de sangue na cena trágica (e.g. assassinato, suicídio). De facto, *mutatis mutandis*, o estratagema da imaginação do escravo, ainda que instrumental, denota aspectos folclóricos<sup>16</sup> relevantes a propósito da morte. Ora, a aparição da alma de um morto<sup>17</sup>, o mesmo equivale a dizer, a interacção entre mortos e vivos, em sonhos ou presencialmente, causava assombro e a sua contemplação (no caso, imaginada e relatada) era terrífica. Vejam-se os exemplos exibidos em tragédias e em epopeias. Com efeito, mesmo antes da dicotomia platónica corpo/alma - σώμα / ψυχή (e.g. *Cra.* 400c, *Men.* 81b, *Phd.* 82e-83a,

<sup>16</sup> Cf. Anderson 2006; Felton 1999.

<sup>17</sup> Vd. Hickman 1938; Della Corte 1952; Duckworth 1952; Felton 2010; Dodds 1951; Dodds 1973. Cf. Gulick 1896; Luck 2006; Krauss 1930.

105cd. Cf. orfismo, pitagorismo)<sup>18</sup>, o surgimento de Aparições e Sombras, a sua aparência, a comunicação, os objectivos; rituais fúnebres (e.g. *Parentalia*, *Lemuria*, na Antiguidade Latina. Cf. Paus. 6.6.7); o valor da *kalokagathia*<sup>19</sup> e a sobrevivência *post mortem* constituem motivos transversais na literatura Grega e Latina da Antiguidade. Importa, pois, atentar, desde os Poemas ditos Homéricos (e.g. Pátroclo, *Il.* 23.65-92; Elpenor, *Od.* 11.52-96), até aos apontamentos trágicos (e.g. Polidoro, E. *Hec.* 25-34. Cf. E. *Alc.* 1127-1135), cómicos (Arist. *Ra.* 290-296); históricos (Hdt. 5.92, 6.69. Cf. φάσμα ἀνδρός, Hdt. 4.15), escritos satíricos tardios, em língua Grega (cf. φάσμα, τὸ εἶδωλον, ἡ σκία, ἡ ψυχή), como o de Luciano (*Philops.* 30-31), entre diversos outros.

A *Mostellaria*<sup>20</sup> plautina representa o mais vetusto exemplo literário da Antiguidade Latina, com referência a uma casa assombrada, antes de representativos retratos de fantasmas, nas concepções de diversos autores de vários géneros literários, como exemplificam *Iliona*, de Pacúvio; a *Thyestis Vmbra* (Sen. *Ag.* 1-56. Cf. *larvae*, *lemurae*, *umbra*, *monstrum*, *simulacrum*); as visões no tratado ciceroniano *De Div.* 1.27.56, ou em Plínio, o Jovem (7.27.2).

Porém, o visionamento alegado por Tranião apresentava inconsistências. Por um lado, não correspondia sequer a um *testimonium*, mas tão só a uma ardilosa fantasia relatada ao pormenor de uma suposta aparição onírica (ὄνειρων φάσματα) contemplada por Filóstrato, num esforço inventivo imediatista, à maneira do que viria, de certa forma, a caracterizar a *Commedia dell'arte*.

<sup>18</sup> Considerem-se, a propósito, Burkert 1960; Uždavinys 2004; Gallop 1975:89; Burkert 1960; Gallop 1975; Uždavinys 2004.

<sup>19</sup> Cf., sobre a preocupação com o corpo após a morte, Lucr. 3.879-881.

<sup>20</sup> Cf. Terzaghi 1929; Grant 1974; Sonnenschein 1907; Knapp 1906; Stärk 1991; Schutter 1955; Strong 1889; Fuchs 1944; Fuchs 1949; Sturtevant 1927; Strong 1906; Knorr 2010.

Apesar de inspirar o terror e prover os objectivos pretendidos, inscrevia-se, todavia, nos antípodas de tratamentos dramáticos sobre mitos clássicos (cf., no panorama Grego, A. *Ag.* 274). Na realidade, a passagem magistral da *Mostellaria* distingue-se de um padrão de abordagens acerca de cenas fantasmagóricas. Desde logo, há a necessidade de destacar a existência de uma luz, condição habitual, se considerada a imperiosidade de claridade para alumiar espíritos não luminosos e, simultaneamente, para proporcionar a sua visão (cf. φαίνω). Todavia, o cenário não era real (cf. *in somnis / uigilanti*), nem sequer um sonho, mas uma invenção sobre o falso discurso indirecto de uma terceira pessoa. Mais ainda, o alegado episódio não se repetiu, o que deveria acontecer num cenário verídico/verosímil de assombrações (cf. Plut. *Cim.* 1.6; Suet. *Cal.* 59).

Não obstante, o expediente dilatatório de Tranião espelhava outros assuntos deveras importantes<sup>21</sup>, em termos da norma vigente de comportamentos sociais, designadamente a quebra de laços de hospitalidade e o *scelus*. As demais peripécias, num jogo humorístico de *quid pro quo*, desencadeiam-se, afinal, a partir do mote basilar fantasmagórico, dando azo a reflexões sobre o engano, o funcionamento de tipos sociais, discrepâncias geracionais<sup>22</sup>, vícios, amor, amizades, hospitalidade, justiça (cf. Verg. *A.* 1.353-7).

## ESTRUTURA

Em termos estruturais<sup>23</sup>, a peça apresenta um argumento acróstico, provavelmente da autoria de Prisciano, cujas primeiras letras de cada verso formam o título da composição; e uma

<sup>21</sup> Cf. Collart 1970; Fay 1903; Fay 1904; Banti 1930; Braun 1999.

<sup>22</sup> Cf. Sutton 1993.

<sup>23</sup> Cf. Jäkel 1988; Leach 1969; Fontaine 2010; Fraenkel 2007; Milnor 2002; Weide 1961.



sucessão de dialogismos em cinco actos, cada um dos quais compreendendo várias cenas<sup>24</sup>. Uma tal divisão é, todavia, arbitrária e controversa, uma vez que, para além de não ter sido efectuada pelo autor, todas as cenas parecem equivaler-se em termos de importância e nenhuma se destaca ou sobrepõe face às demais, por forma a justificar a introdução de um novo acto, à excepção dos vv. 857 e 1040. Como tal, adianta-se<sup>25</sup> que a peça poderia representar-se num *continuum*. Na melhor das hipóteses, três actos justificar-se-iam: acto I (1-857), acto II (858-1040) e acto III (1041-1180). Ainda assim, mantemos a divisão em cinco actos, conforme a maioria das edições.

Juntamente com as obras *Estico*; *Epídico*; *Persa* e *Gorgulho*, a *Comédia do Fantasma* encontrava-se desprovida de prólogo narrativo. No entanto, a apresentação dos elementos necessários para a inserção do espectador/leitor na intriga estão presentes, quer no argumento, quer na cena de abertura, onde se percebe, pelo diálogo entre o escravo do campo (Grumião) e o da cidade (Tranião), o que sucedeu, durante os anos de ausência do velho dono da casa.

Configurando uma estrutura polifónica, a peça em questão alia o cómico plautino a uma multiplicidade rítmica, dispersa por vários andamentos, desde os diálogos rápidos, aos apartes, aos solilóquios, aos diálogos reflexivos, às tiradas rápidas e incisivas.

No que concerne aos aspectos estilísticos, realçam-se o uso de diminutivos; formas verbais frequentativas; elipses; aliteraões; *hapax legomena*; vocabulário de campos semânticos tão díspares

---

<sup>24</sup> A repartição em actos constitui um trabalho dificultado, já que, se, no início, as intervenções corais dividiam os actos, posteriormente foram caindo em desuso, conservando-se apenas, quando muito, o seu lugar na cena.

<sup>25</sup> Freté 1930: 45-46.

como os da economia ou da arquitectura; adaptações latinas de lexemas helénicos, entre muitos outros aspectos.

Em termos métricos, registam-se cerca de dezoito ritmos diferentes identificados; alguns incertos e outros que combinam vários tipos de metro distintos.

Cenas há que cultivam mormente ou até em exclusivo um tipo de metro, como I.1, em senários iâmbicos. Outras reúnem um vasto número, como I.2, onde se distinguem nove tipos de ocorrências diferentes.

### PERSONAGENS

Fazendo um hábil uso da fórmula da unidade na diversidade, assim se mostra a *Comédia do Fantasma*, de pendor tão cómico quanto pedagógico e ilustrativo, como o indicia o nome das personagens<sup>26</sup>. Os povos da Antiguidade tinham um especial cuidado na escolha dos antropónimos, visto acreditarem que esses influenciavam e reflectiam a sua personalidade (*nomen omen*)<sup>27</sup>. Assim, Grumião relaciona-se com o vocábulo grego que significa ‘*gentalha*’ (cf. γρυμέα); Pinácio (πινάκιον. Cf., em certas edições, *Aduorsitor*), com pequenas tabuinhas que eram utilizadas como suporte da escrita, onde ficavam registados os veredictos; Fanisco, com uma tocha (cf. φανός); entre outros. Tranião refere-se ao usurário pelo nome Misargírides (cf. 568), cuja acepção, paradoxalmente, se identifica com ‘*o que odeia dinheiro*’ (cf. μισαργυρία). Filólaques é, sem dúvida, um antropónimo adequado para ‘*o que gosta da sorte*’ (cf. φίλος - λάχος); e Calidamates para ‘*aquele que subjuga pela sua beleza*’ (cf. κάλος - δαμάτειρα). Simão, por seu turno, trata-se de um nome que acarreta um cariz cómico, uma

<sup>26</sup> Cf. Della Corte 1975.

<sup>27</sup> A propósito da consideração do princípio *nomen omen*, vd. Ar. Nu.60-77; Pl. Cra. 435e.

vez que designa um indivíduo de nariz achatado (cf. σιμός). Já Tranião denota uma aproximação linguística a diversos vocábulos gregos, de certa forma indicativos do seu carácter intrumetediço e perturbador, como sugerem τρανόω ('tornar distinto, clarificar'. Cf. O sentido de 'perfurante, agudo': τρανής, τορός, τορέω), ou θρανίς ('peixe-espada'), ou θρᾶνος ('tribuna'). Ironicamente, Teoprópides seria um '*profeta*', sob o ponto de vista etimológico (cf. θεόπροπος), o que contrasta com a sua insciência face aos acontecimentos que o rodeavam.

Esses actores, no seu todo, formam uma intriga caracterizada por mal-entendidos, receios e (*in*)*verdades*. Neste conjunto, o leitor depara-se com o afloramento de temas vários. Um deles é a nítida diferenciação entre a vida do campo e a da cidade. Não se trata propriamente da imagética do rato do campo / rato da cidade que Horácio viria a confabular (cf. Hor. S. 2.6); nem da complexidade definida na obra virgiliana. Ainda assim, depreende-se, pela cena plautina, uma substancial diferença entre o árduo labor da vida rural e a vivência citadina, propiciadora de toda a sorte de comportamentos dissolutos.

Plauto aproveita precisamente a figura do servo citadino, no horizonte de inversão que é a comédia de um modo geral e a sua também, em particular. Se heróis épicos se realçam pelas suas habilidades de dissimulação que, para além da coragem e dos atributos bélicos configuram a sua *arete*, como o *polymechanos* Ulisses exemplifica; também o típico servo plautino, como Tranião, se destaca pelos seus *mil expedientes*. Talvez a sua comédia represente uma perspectiva diferente - a dos escravos, por norma socialmente inferiores, mas protagonistas na cena do Sarsinate.

À margem dos direitos e das regalias dos cidadãos Romanos, a escravidão representava um pilar fundamental da sociedade e da economia das civilizações Antigas, não obstante esporádicas alusões à igualdade, proferidas por determinados autores (e.g.,

com as devidas reservas contextuais e civilizacionais, Sen. *Ep.* 5. 47-1-2, 11. Cf., anteriormente, na literatura Grega, Antipho fr. 44, A7 B2 Diels).

Na base de uma comédia, cujo pilar é a extrema argúcia de um servo, está o grande drama social da escravidão. Não será pois um mero acaso que a lista de personagens desta peça contemple a existência de quatro escravos referidos pelos respectivos nomes próprios e de vários outros simplesmente mencionados. Ainda assim, a sua independência poderia ser alcançada. É o caso de Filemácio, cuja liberdade é comprada por Filólaques. Poderiam, de forma similar, os próprios adquiri-la com as poupanças do seu *peculium*.

Na *Comédia do Fantasma*, verifica-se também um dissídio entre as condições de diferentes tipos de escravos. Por um lado, os do campo, trabalhadores forçados e esforçados, sujeitos a castigos exemplares; por outro, os da urbe, astutos, dissimulados e trapaceiros - os verdadeiros vencedores, nesse universo.

Fanisco e Pinácio assumem-se como escravos-modelo, detentores de integridade, lealdade e obediência. Grumião é o típico escravo do campo diligente. Tranião, por seu turno, representa o pior pesadelo do seu velho amo: manhoso, impudente, afirma a igualdade entre escravos e senhores, se ambos possuírem esperteza; assume-se no controle da situação; não mostra passividade; chega a ordenar e até a comparar-se a Alexandre e a Agátocles.

Embora servos do mesmo amo, enquanto Tranião protagoniza a cena desta comédia, Grumião, todavia, reúne em si todos os atributos que um Romano poderia requerer de um escravo: o *labor*, a *pietas*, a reverência aos deuses, o desejo de que o amo se encontre bem e regresse em saúde, assim como um comportamento refreado pelo medo dos severos castigos.

Ter-se-á sentido a audiência de Plauto, composta por cidadãos Romanos, escandalizada? Provavelmente não. Afinal, não se tratava de defender publicamente a igualdade entre classes ou a negação do escravagismo<sup>28</sup>, mas provocar o riso pela inversão e quiçá até alertar para o comportamento de escravos menos serenos e mais astuciosos. Para além disso, no final, a situação regressa à normalidade, ainda que o escravo não se revele inferior ao seu dono em termos de argumentação ou de atitude. Embora se reconheça que os sortilégios de Tranião merecem castigo, na realidade a peça confere uma visão condensada, hiperbolizada e adornada de comportamentos habituais, por forma a suscitar o riso. Encontramo-nos perante uma comédia de intriga e de caracteres, dotada de um grande número de personagens-tipo.

Figura maioritariamente ausente da cena e plena de fraquezas, assim se apresentou o típico jovem apaixonado, Filólaques.

A prostituição, desde cedo, suscitou a elaboração de vários escritos, mesmo antes das restrições legais impostas. Na Antiguidade, encontrava-se patente a diferença entre as cortesãs, para a obtenção de prazer; as concubinas, para a vida quotidiana e as esposas, para gerar filhos e cuidar do lar, como as palavras de Escafa, aliás, denunciam. Existiam diversas categorias na prostituição, quer na Antiguidade Grega, quer na Latina. Impedidas de contraírem matrimónio com um cidadão, as meretrizes, consideradas dolosas e traiçoeiras, poderiam, não obstante, usar os seus expedientes de modo a convencê-los a gastar fortunas comprando a sua liberdade. É este também nesta peça o móbil que leva à degeneração de Filólaques. Filemácio, todavia, zela para ser fiel e corresponder às expectativas e vontades do filho de Teoprópides.

---

<sup>28</sup> Cf. Csapo 1989; Damon 1997; Stace 1968; Lowe 1989; Stewart 2012; Mariotti 1992.

A presença de jovens apaixonadas na cena plautina apresentava tão mais comicidade, quanto considerarmos o *travestismo* da encenação. Na realidade, todos os actores eram homens.

Numa lógica de contraversão, também Filólaques representa a inexistência dos valores tradicionais Romanos, protelados por *uma vida à Grega* (cf. 22: *pergraecamini*), pelo romance, pela submissão a um escravo, pela fraqueza moral, pela embriaguez e por companhias similares. No fim, envergonhado pelo seu comportamento e temendo a reacção do pai para consigo, envia Calidamates para tentar aplacar a fúria paterna.

Muitos outros temas são aludidos, como o fórum enquanto centro de novidades; o problema das amizades enquanto factores de influência nefasta; os cosméticos e o seu uso; os hábitos das matronas; a actividade dos usurários; o dinheiro; o relacionamento dos escravos entre si e para com os seus amos; os comportamentos dos jovens de ilustres famílias; o aproveitamento da retórica; o casamento; o funcionamento dos tribunais; os perigos das viagens, talvez também reflexo de eventuais maus negócios do autor no ramo; entre diversos outros.

Em suma, na *Comédia do Fantasma* abundam os hilariantes mal entendidos, os receios e as inversões típicas deste género teatral, onde o escravo trapaceiro consegue vencer e dominar o seu senhor<sup>29</sup>. Obras como *I Fantasma*, de Benvogli, *Les Esprits*, de Pierre Larivey; *Le Retour Imprévue*, de Regnard; *Das Hausgespenst*, de Holberg; *Comédien Poète*, de Montfleury; *Taming of the Shrew*, de Shakespeare e ainda o musical *A Funny Thing Happened on the Way to the Forum* (Stephen Sondheim, E.U.A., 1962) comportam reminiscências da *Comédia do Fantasma*.

---

<sup>29</sup> Cf. Duckworth 1952.

A COMÉDIA DO  
FANTASMA

(‘MOSTELLARIA’)

## PERSONAGENS

- O escravo Tranião
- O escravo Grumião
- O jovem Filólaques
- A meretriz Filemácio<sup>30</sup>
- A escrava Escafa
- O jovem Calidamates
- A meretriz Délfio
- O velho Teoprópides
- O agiota Misargírides
- O velho Simão
- O escravo Fanisco
- O escravo Pinácio (?)
- O escravo Esferião (?) / Rapaz
- Outros escravos

*A acção decorre em Atenas*

---

<sup>30</sup> Embora possa causar alguma estranheza aos leitores de língua Portuguesa, Filemácio e Délfio são dois nomes de mulheres, provenientes de originais do género neutro Latino, *Philematium* e *Delphium*, respectivamente. Embora em Português apenas se considerem dois géneros, a saber, o masculino e o feminino, ainda assim, registam-se vestígios da herança Clássica, por exemplo, em formas como *este, esta, isto* ou *esse, essa, isso*, entre outras.



## ARGUMENTO

Mandou ser libertada a apaixonada que comprara, Filólaques,  
Operação efectuada na ausência do pai, cujo património  
dissipa.

Seguindo o regresso do Velho, Tranião ludibria-o.

Terríveis fantasmas diz que habitam a casa

E que por isso a abandonou. Aparece,

Levado pela restituição dos juros do capital que emprestara,  
um Agiota,

Lucros em mente, conduz a que de novo o Velho se torne  
alvo de zombarias: é que Tranião

Afirma que Filólaques recebeu dinheiro emprestado a título  
de uma fiança

Relativa à aquisição de uma casa.

Inquire o Velho acerca da habitação, ao que o Servo responde  
ser a do vizinho do lado.

Após a sua inspecção, lamenta-se pelo dolo. No final, é acal-  
mado por um amigo do filho.

# ACTO I

## CENA I

GRUMIÃO            TRANIÃO

*(O escravo rústico Grumião entra em cena pelo lado direito do palco e começa a gritar efusivamente à frente da casa do velho Teoprópides).*

GRUMIÃO

Sai já da cozinha<sup>31</sup>, se faz favor, seu preguiçoso! Tu, que passas a vida entre os tachos a fazer troça de mim! Sai de dentro de casa, ó desgraça do teu dono! Por Pólux, se eu for vivo, não tenhas dúvidas de que hei-de dar-te o justo castigo no campo! *(Entretanto Grumião começa a cheirar o ar)* Sai da cozinha, estou a dizer-te, †sua pestilência†<sup>32</sup>! *(Dirigindo novamente a palavra a Tranião)* Porque estás a esconder-te?

TRANIÃO *(abre a porta, furioso, e aproxima-se de Grumião)*

Mas porque diabo é que estás a gritar aqui à frente da casa? Acaso julgas que estás no campo? Some daqui de casa! Volta para o mato! Vai direitinho para os Infernos! Afasta-te desta porta! *(Dá um violento soco no escravo Grumião)* Toma! Era isto que querias?

GRUMIÃO *(afastando-se)*

Ai de mim! Estou mortinho! Porque é que estás a bater-me?

---

<sup>31</sup> Cf. Lowe 1985.

<sup>32</sup> Verso corrompido: *Exi, inquam, \*\*\*\*\*; quid lates?* Cf. a lição †nidore cupinam† BCFZ, donde a tradução acima apresentada.

TRANIÃO

Porque estás *vivinho*<sup>33</sup>.

GRUMIÃO (*com um tom ameaçador*)

Por ora vou suportar, mas espera só até vir o velho! Deixa lá chegar são e salvo aquele que tu estás a *chupar* na sua ausência!

TRANIÃO

Não estás a dizer nenhuma verdade, nem nada que se pareça, seu estúpido! (*Com ironia*) Como se fosse possível *chupar* alguém que se encontra ausente!

GRUMIÃO

Tu, que na verdade não passas de um libertino, amante dos prazeres do mundo, de um cidadão, estás a lançar-me à cara a minha proveniência rural? Eu acho que tens consciência, Tranião, de que, num futuro próximo, irás de certeza trabalhar para o moinho. Dentro de pouco tempo, Tranião, estarás a engrossar o número daqueles que labutam no campo, no grupo dos que estão a ferros<sup>34</sup>. Por ora, enquanto quiseres e puderes, embebedate, dissipa os bens, corrompe o teu jovem e excelso patrão! Bebam dia e noite! Continuem a *viver à grega*<sup>35</sup>! Adquiram umas concubinas e depois libertem-nas! Alimentem os parasitas! Comam à larga! Aca-so o velho, quando foi daqui para o estrangeiro, te mandou fazer isso? Será porventura neste estado que irá encontrar a gestão do seu património? Então achas que faz parte dos deveres de um bom servo destruir não só os bens como ainda o filho do seu patrão?

---

<sup>33</sup> Jogo cómico de palavras. A argumentação de Tranião *uiuis* responde à exclamação *perii* de Grumião.

<sup>34</sup> Vd.: *genus ferratile*: os escravos que trabalhavam no campo, presos a ferros.

<sup>35</sup> *Pergaecamini*. Embora a acção decorra em Atenas, este é um exemplo do aproveitamento dos modelos gregos por Plauto, tendo em consideração a realidade Romana, deveras crítica face a certos comportamentos do povo Grego. Para um Romano, a afirmação tem uma conotação deveras negativa. '*Levar uma vida à grega*' equivale a ser dissoluto.

Eu cá considero que ele, a partir do momento em que se entregou a essa vida, ficou perdido. Dantes, nenhum jovem, em toda a Ática, se lhe igualava em termos de poupança e de uma maior moderação. Agora, deve receber a palma da vitória para a categoria oposta - feito esse, graças ao teu mérito e aos teus ensinamentos!

TRANIÃO

Mas que diabo, o que é que tu tens a ver comigo ou com aquilo que eu faço? Diz-me, porventura não tens gado no campo para cuidar? Eu cá gosto de beber, de amar, de estar na companhia de meretrizes. Faça isso à custa do meu *couro*, não do teu.

GRUMIÃO (*com ar de troça*)

Vejam só com que atrevimento ele fala! Irra!

TRANIÃO

Que Júpiter e todas as outras divindades te desgraçam! (*Cheira o ar à volta de Grumião*) Fu! Tresandas a alho, sua verdadeira porcaria, seu pacóvio, seu bode, seu curral de porcos, seu reles misto de imundície!

GRUMIÃO

O que é que queres? Nem todos podem cheirar a perfumes exóticos, como tu, nem ocupar o lugar de maior destaque à mesa, nem viver com tantas guloseimas como tu vives. Guarda para ti essas rolas, peixes, aves. Quanto a mim, que estou impregnado de alho, deixa-me cumprir o meu destino. Tu és um sortudo e eu um pobre diabo! Há que aguentar! Para mim, há-de estar reservada a recompensa; para ti, o castigo!

TRANIÃO

Parece-me que estás com inveja de mim, Grumião, só porque eu estou numa boa situação e tu estás mal. Isso é muitíssimo justo. A mim, compete-me entregar-me aos amores e a ti, guardar o gado; a mim, levar uma bela vida e a ti, viver miseravelmente.

GRUMIÃO (*furioso*)

Ó seu crivo de carrascos - que é aquilo em que eu acho que vais tornar-te, de tal modo os algozes, se o velho regressar, hão-de espetar-te com agulhões pelas ruas, contigo preso por um garrote!

TRANIÃO

Como é que sabes se isso não acontecerá primeiro a ti do que a mim?

GRUMIÃO

Porque nunca o mereci. Tu mereceste-o e continuas a merecê-lo agora.

TRANIÃO (*avançando com ar ameaçador*)

Acaba lá com esse paleio, a não ser que queiras levar uma grande carga de ...

GRUMIÃO (*desviando-se de Tranião*)

Acaso queres dar-me a forragem para eu levar ao gado? Dá-ma, se não pretendes comê-la. Vá, continuem assim, de futuro, a beber e a *viver à grega*! Comam à fartazana! Encham o bandulho!

TRANIÃO

Cala-te e volta para o campo, que eu quero ir ao Pireu<sup>36</sup> comprar o peixe para logo à tarde. Amanhã eu mando alguém levar-te a forragem ao campo. (*Grumião mantém-se imóvel*) Porque é que continuas aí espedado a olhar para mim, seu *patifê, merecedor da força*?

GRUMIÃO (*comentando as palavras de Tranião*)

Por Pólux, eu acho que esse título, em breve, será teu.

TRANIÃO

Enquanto as coisas estiverem assim, eu vou tolerando esse "em breve".

---

<sup>36</sup> Entenda-se *Porto do Pireu*.

GRUMIÃO

Ai é?! Pois então aprende só isto: mais depressa †*vem a desgraça*†, do que aquilo que se deseja avidamente.

TRANIÃO

Não me chateies mais! Vai-te embora para o campo! Xô! Por Hércules, não te enganes, que daqui em diante não me farás perder mais tempo. (*Tranião entra em casa e fecha a porta*).

GRUMIÃO (*surpreso com a atitude de Tranião, dirige-se à assistência*)

Não é que se foi mesmo embora sem fazer caso daquilo que eu disse?! (*Numa atitude de suplicante, ergue as mãos aos céus*) Ó deuses imortais, dai-me o vosso apoio! Fazei com que o nosso velho senhor, ausente há já três anos, regresse o mais rápido possível, antes que tudo esteja perdido: não só a casa, mas também as terras. Se ele não vier, sobejará apenas um restolho para poucos meses. Agora vou-me embora para o campo. (*Vê Filólaques, ao fundo*) Mas eis que estou a avistar precisamente o filho do meu senhor, um jovem completamente desviado do bom caminho! (*Grumião retira-se pelo lado esquerdo da cena*).

## CENA 2

FILÓLAQUES

(*Filólaques entra em cena. Esteve provavelmente a beber e pensa em voz alta*)

FILÓLAQUES

Matutei bastante, pensei durante muito tempo e cheguei a muitas conclusões, cá para comigo. Mexi e remexi demoradamente este assunto na minha cachimónia - se é que eu tenho

cachimónia - a que poderia eu comparar o Homem quando nasce, e a que é que eu poderia dizer que se assemelha? E já encontrei uma comparação para isso. Eu penso que o Homem, ao nascer, se parece a uma casa nova e vou apresentar algumas provas disso. (*Dirigindo-se à audiência*) Isto não vos parece verdade, mas eu hei-de conseguir fazer com que acreditem. Convencer-vos-ei, sem sombra de dúvidas, que aquilo que digo é verdade. E eu estou convicto que vós próprios, quando ouvirdes as minhas palavras, não tereis uma opinião diversa. Escutai, enquanto apresento os argumentos para este raciocínio. É meu desejo que partilhem isto comigo.

Assim que uma casa está pronta, ornamentada, eximamente bem acabada, louva-se o arquitecto e aprecia-se a habitação. Cada um, a partir de então, deseja adquirir um exemplar idêntico para si. Cada qual quer que a sua casa seja semelhante e não poupa custos, nem esforços.

Mas quando um libertino, negligente, imundo, preguiçoso, com uma caterva de escravos indolentes aí se instala, vai introduzir o vício na casa, a qual, ainda que seja de boa qualidade, é mal cuidada. E, muitas vezes, acontece isto : chega o mau tempo e a chuva quebra as telhas. Então, o dono indiligente recusa-se a colocar outras. Vem a chuva: humedece as paredes, que começam a verter água; apodrece os barrotes e arruína a obra do construtor. A casa já não se encontra em bom estado, mas não é por culpa do empreiteiro. Contudo, um considerável número de pessoas adquiriu este hábito - se uma coisa puder reparar-se com dinheiro, deixam sempre andar e não o fazem até que as paredes caem e a casa tem de ser toda reconstruída de novo.

Acabei de expor o meu raciocínio no que respeita às casas e agora pretendo dizer-vos em que medida é que pode julgar-se que os homens se assemelham a uma casa. Inicialmente, os pais

são os empreiteiros dos seus filhos. São eles que fundam os seus alicerces, os erguem e os preparam com zelo, no que diz respeito à firmeza de carácter, e para que se mostrem bons para o trabalho e também aos olhos do povo. Não poupam nos materiais, nem consideram a despesa com isso elevada. Cultivam-nos, ensinam-lhes gramática, direito, leis, esforçam-se, a expensas e trabalhos seus, para que os outros pais desejem que os filhos deles sejam idênticos aos seus. Quando chega a altura, enviam-nos para o serviço militar e dão-lhes, como escora, um parente seu<sup>37</sup>. Nesse momento saem das mãos dos seus construtores. Quando se recebe o soldo, então pode ver-se uma amostra daquilo em que irá tornar-se a casa.

Ora eu, durante muito tempo, enquanto estive nas mãos dos *construtores*, fui sempre sensato e honesto. Depois, quando fiquei entregue a mim próprio, arruinei, de imediato e por completo, a obra dos empreiteiros. Veio então a preguiça - ela foi a minha tempestade. Com a sua chegada, a chuva e o granizo caíram-me em cima. Ela destruiu-me o pudor; a regra da virtude e pôs-me imediatamente a descoberto. Depois, fui negligente a tornar a cobrir-me. De seguida, no lugar da chuva, chegou o amor ao meu coração. Esse conservou-se sempre no meu peito e inundou o meu âmago.

Agora o meu património, a minha honestidade, a minha reputação, a minha virtude e a minha honra desertaram. Já não sirvo para mais nada! E ainda por cima, por Pólux, estes barrotes estragam-se com a humidade. Não me parece poder reparar a minha casa, sem que haja uma derrocada total, uma vez que está completamente arruinada a partir dos alicerces. E ninguém poderá ajudar-me. O meu coração sofre, quando penso como sou

---

<sup>37</sup> Note-se que, no primeiro ano do serviço militar, os jovens eram entregues à protecção de um amigo ou de um parente.



agora e como já fui. De entre a juventude, não existia ninguém mais industrioso do que eu, nas artes da ginástica, com o disco, a lança, a bola, na corrida, nas armas e no cavalo. Tinha uma vida boa. Na parcimónia e no trabalho árduo, era um exemplo para os outros. Até os mais excelsos cidadãos procuravam instruir-se em mim. Agora tornei-me num *zero à esquerda* e devo isso apenas a mim. (*Retira-se cabisbaixo pelo lado direito*).

### CENA 3

FILEMÁCIO

ESCAFA

FILÓLAQUES

(*Entram em cena Filemácio e Escafa. Esta última ajuda Filemácio a arranjar o cabelo. Filólaques, ao ouvi-las, esconde-se.*)

FILEMÁCIO

Por Castor! Já há algum tempo que não tomo de bom grado um banho em água fria nem julgo ter estado alguma vez mais limpa, minha querida Escafa.

ESCAFA

Que tudo aconteça conforme os teus desejos, *à semelhança da farta colheita deste ano*<sup>38</sup>.

FILEMÁCIO (*revelando ingenuidade*)

O que é que a *colheita* tem a ver com o meu banho?

ESCAFA (*enigmaticamente*)

Nada mais do que o teu banho com a *colheita*<sup>39</sup>.

---

<sup>38</sup> Escafa refere um adágio (vv.159-160: *uelut horno messis magna | fuit*) provavelmente apenas reconhecido, na altura, pelas pessoas mais antigas, em virtude da estranheza que Filemácio revela ao ouvi-lo.

<sup>39</sup> As palavras de Escafa denotam ironia. A *colheita* que menciona

FILÓLAQUES (*olha para Filemácio com ar de aprovação e diz à parte*)

Ó Vénus plena de encanto, eis a *tempestade*<sup>40</sup> que me pôs a descoberto toda a temperança que me servia de cobertura. Então o Amor e Cupido trespassaram o meu peito, e nunca mais conseguí repará-lo. Já se encontram ébrias as paredes do meu coração. Esta casa está completamente arruinada!

FILEMÁCIO

Minha Escafa, por favor, vê se esta roupa me fica bem. Quero agradar a Filólaques, luz dos meus olhos e meu senhor<sup>41</sup>.

ESCAFA (*elogiando a patroa*)

Por que motivo estás a enfeitar-te, graciosa como tu és, com os teus modos encantadores? Não é a vestimenta da mulher que os namorados apreciam, mas sim o seu conteúdo.

FILÓLAQUES (*à parte, sem que Filemácio ou Escafa consigam vê-lo, com ar de grande aprovação*)

Assim me favoreçam os deuses! A Escafa é encantadora! Ela sabe muito de manhas. Como percebe tudo lindamente e conhece também a maneira de sentir dos apaixonados!

FILEMÁCIO (*desfilando*)

E então?

reveste-se, por tal, de uma carga semântica acrescida. Não se trata da recolha de cereais auferida, mas das vantagens que Filemácio já angariara e se prepara ainda para obter do jovem enamorado.

<sup>40</sup> Filólaques retoma a imagética da cena anterior.

<sup>41</sup> O emprego do termo *patronus*, que indicia uma relação de subordinação económica e social de Filemácio face ao jovem enamorado Filólaques, reflecte a inferioridade e a dependência feminina face ao homem, no contexto Romano. Ainda assim, denota-se um certo tom de ironia latente, ou não se preparasse Filemácio para uma proveitosa *colheita*. Trata-se, na verdade, da curiosa inversão reflectida no mundo do teatro comediográfico: os escravos *vencem* em astúcia e proveito os seus senhores, e raparigas de reputação *dúbia*, como Filemácio, levam a melhor dos seus apaixonados, socialmente superiores.

ESCAFA

O que é?

FILEMÁCIO

Vá lá! Olha para mim e vê como é que esta roupa me fica.

ESCAFA

Com essa tua beleza, o que quer que vistas te fica bem.

FILÓLAQUES (*à parte*)

Por esse elogio, Escafa, dar-te-ei hoje alguma coisa. Não poderei deixar de agradecer-te o louvor que fizeste à minha amada.

FILEMÁCIO (*em tom repreensivo*)

Eu não quero que me adules.

ESCAFA

Tu és realmente uma rapariga muito tola! Pois então achas preferível que eu te critique, ainda que seja mentira, a que te elogie, sendo verdade? Por Pólux, eu prefiro receber louvores, embora não merecidos, a ser criticada, ou até mesmo a que os outros, com razão, ridicularizem a minha aparência.

FILEMÁCIO

Eu gosto da verdade e quero que me digas a verdade. Detesto a mentira.

ESCAFA

Pela tua afeição por mim e pelo amor que Filólaques te tem, em como és de facto encantadora!

FILÓLAQUES (*à parte, com indignação*)

O que é que estás a dizer, maldita? O que é que esconjuraste? *'Pelo amor que eu lhe tenho?* Porque é que não acrescentaste *'é pelo amor que tu tens por Filólaques'*? Aquela recompensa fica sem efeito. Tramaste-te: o presente que te tinha prometido, acabaste de perdê-lo.

ESCAFA

Sem dúvida, por Pólux, estou admirada contigo, tão casta, tão douta e bem criada e agora fazeres-te de parva de uma forma tão estúpida.

FILEMÁCIO

Anda, chama-me à atenção, se porventura tenho alguma coisa errada.

ESCAFA

Por Castor, tu estás completamente errada em ficares à espera de um único homem. Assim, adaptas-te<sup>42</sup> apenas a um e rejeitas os outros. Estar ao serviço de um só é para uma mulher digna, não para uma cortesã<sup>43</sup>.

FILÓLAQUES (*à parte, com um tom extremamente irritado*)

Por Júpiter! Que maldição se voltou sobre a minha casa?! Que todos os deuses e deusas me castiguem com punições exemplares, se eu não matar aquela velha à fome, à sede e ao frio.

FILEMÁCIO

Não quero que me dês maus conselhos, Escafa.

ESCAFA

És completamente parva, se julgas que ele te será eternamente fiel e benevolente. Estou a advertir-te: com o tempo e a saciedade, ele vai acabar por abandonar-te.

FILEMÁCIO

Espero que não.

---

<sup>42</sup> No original *morem ... geras* (v.189), com o sentido de '*adaptar-se a alguém*', reveste-se de conotações imbuídas de alguma tonalidade sexual e imoral.

<sup>43</sup> Veja-se a diferença, em termos de dignidade, de reputação e de consideração social, entre *matrona* (*uxor*): 'mulher legítima e digna' e *amans* - Ac. *amantem* (*meretrix*): 'meretriz'.

ESCAFA

O inesperado acontece mais frequentemente do que aquilo que se espera ... Em definitivo, se as palavras não chegam para te convencer que aquilo que estou a dizer é verdade, então julga pelos factos. Vê quem sou e aquela que fui outrora! Não fui nada menos amada do que tu estás a ser agora. Dediquei-me apenas a um que, por Pólux, quando a cor do cabelo mudou com a idade, se foi embora e me deixou abandonada. Penso que terás um futuro idêntico.

FILÓLAQUES (*à parte, enraivecido*)

Mal me contenho para não me atracar aos olhos daquela mulher!

FILEMÁCIO

Ele libertou-me unicamente a mim, só para si, a expensas suas. Acho que devo obediência exclusivamente a ele.

FILÓLAQUES (*à parte, em tom de satisfação*)

Ah, deuses imortais! Que bela mulher e com que natureza pudica. Fiz bem, por Hércules! Alegro-me de ter ficado arruinado por causa dela!

ESCAFA

Por Pólux, que burra que tu és!

FILEMÁCIO

Porquê?

ESCAFA

Porque te esforças para que ele goste de ti.

FILEMÁCIO

E porque não haveria de esforçar-me?

ESCAFA

Tu já és livre. Agora tens aquilo que querias. Se ele não

continuar a amar-te, então terá de dar como perdido o dinheiro que despendeu pela tua liberdade.

FILÓLAQUES (*à parte, mal podendo conter-se*)

Por Hércules, estou mortinho por torturá-la até à morte! Aquela †*alcoviteira cheia de vícios*† e de maus conselhos está a corromper a rapariga.

FILEMÁCIO

Nunca poderei agradecer-lhe devidamente, como ele merece. Escafa, não me aconselhes a apreciá-lo menos.

ESCAFA

Mas pensa só nisto: se o servires unicamente a ele durante a tua juventude, quando fores velha vais arrepender-te.

FILÓLAQUES (*à parte, num tom ameaçador*)

E eu que não me transformo numa inflamação da garganta daquela venenosa, para meter as mãos naquela goela e estrangular essa instigadora celerada!

FILEMÁCIO

Neste momento devo seguir o meu coração e agradecer-lhe, uma vez que obtive o que pretendia, porque dantes, enquanto ainda não tinha conseguido, lisonjeava-o para tal.

FILÓLAQUES (*à parte, comovido*)

Que os deuses façam de mim o que quiserem, se eu, por essas palavras, não te daria novamente a liberdade ... e não mataria a Escafa!

ESCAFA

Se entendes que terás sustento para sempre e que esse namorado será teu para toda a tua vida, então penso que terás de servir apenas a ele e começar a usar o cabelo apanhado.

FILEMÁCIO

Quando alguém tem fama, o dinheiro costuma chegar

depois. Eu cá, se conservar a minha boa reputação, hei-de ser suficientemente rica.

FILÓLAQUES (*à parte*)

Por Hércules, se preciso for vender o meu pai, então ele será vendido muito antes do que tu. Enquanto eu for vivo, nunca hei-de consentir que passes necessidades ou que andes a mendigar.

ESCAFA

O que será dos outros que gostam de ti?

FILEMÁCIO

Hão-de gostar ainda mais de mim, quando me virem agradecer as benesses.

FILÓLAQUES (*à parte*)

Oxalá me fosse anunciado que o meu pai tinha morrido, para que eu renunciasse aos meus bens e a declarasse como única herdeira!

ESCAFA

Em breve esgotarão os recursos! Come-se e bebe-se dia e noite, ninguém tem parcimónia e a *pança*<sup>44</sup> está cheia!

FILÓLAQUES (*à parte, referindo-se a Escafa*)

Por Hércules, como sou um tipo poupado, vou começar primeiramente por ti: não vais comer nem beber em minha casa, durante dez dias.

FILEMÁCIO

(*Visivelmente irritada*) Se queres dizer bem dele, podes falar; se queres dizer mal, então, por Castor, não hás-de livrar-te de ser açoitada.

---

<sup>44</sup> Escafa avizinha a ruptura da situação. O comportamento animalesco sugerido pela imagética da *pança cheia* sugere a proximidade do *sacrifício*.

FILÓLAQUES (*à parte, com satisfação*)

Por Pólux, nem que eu tivesse oferecido um sacrifício ao sumo Júpiter com o dinheiro que dei pela liberdade dela, nunca o teria empregado tão bem! Vê-se que ela me ama do fundo do coração. Ah! Sou um tipo esperto: libertei um advogado que defende a minha causa!

ESCAFA

Estou a ver que, comparados a Filólaques, todos os outros homens já nada significam para ti. De agora em diante, se estás suficientemente convicta de que ele vai amar-te para sempre, hei-de elogiar-te ainda mais, para não vir a ser açoitada por causa dele.

FILEMÁCIO

Escafa, dá-me cá imediatamente o espelho e a caixa das jóias para eu me adornar, para quando Filólaques, a alegria da minha vida, chegar.

ESCAFA (*em tom de adulação*)

Uma mulher desmazelada, que não cuida de si própria na juventude, é que precisa de um espelho. Que necessidade tens de um espelho, tu que és o melhor espelho em que alguém pode espelhar-se?

FILÓLAQUES (*à parte, com ironia*)

Devido a essas palavras, que não foram em vão, Escafa, vou dar-te hoje qualquer coisita para o teu *pecúlio*<sup>45</sup> ... a ti, minha

---

<sup>45</sup> Verifica-se neste momento do texto teatral uma acumulação de sentidos no termo *peculium*, provavelmente clarificados com os gestos que acompanhariam a fala da personagem. A acepção de 'pecúlio' é a mais corrente, uma vez que um escravo, ainda que sem direitos legalmente reconhecidos, com a anuência do seu senhor poderia ir efectuando pequenas poupanças, com as quais lhe seria possível comprar a sua liberdade. Todavia, o mesmo vocábulo encontra-se na sequência das intervenções de Escafa e de Filemácio, donde o evidente jogo de palavras entre *peculi*



Filemácio.

FILEMÁCIO

Vê lá se o meu cabelo está convenientemente arranjado.

ESCAFA

Uma vez que tu te encontras convenientemente arranjada, creio que o teu cabelo também está bem arranjado.

FILÓLAQUES (*à parte*)

Oh! O que poderá imaginar-se mais perverso do que esta mulher? Agora está a aprovar e ainda há pouco estava a opor-se, esta maldita!

FILEMÁCIO

Dá cá o alvaiade<sup>46</sup>.

ESCAFA

Para que é preciso o alvaiade?

FILEMÁCIO

Para eu cobrir as maçãs do rosto.

ESCAFA (*continuando a adular a patroa*)

Deves estar à espera de esbranquiçar o marfim com tinta preta.

FILÓLAQUES (*à parte*)

Saiu-te lindamente, essa da tinta preta e do marfim. Muito bem! Bravo, Escafa!

FILEMÁCIO

Então passa-me o carmim<sup>47</sup>.

---

(espelho) e *peculi*. Relevante parece também ser um certo carácter de obscenidade, tão próprio afinal do teatro Plautino, presente no vocábulo *peculium*, entendido como 'espólio' ou 'propriedade privada', numa provável e cômica alusão às 'partes privadas' (entenda-se 'sexuais') de Filólaques.

<sup>46</sup> *Cerussa*.

<sup>47</sup> *Purpurissum*.

ESCAFA

Não passo nada! Tu já és deveras bonita. Então estás a querer alterar a mais formosa das obras de arte com uma nova pintura? Nessa tua idade convém não tocar em nenhuma coloração, nem no alvaiade, nem no branco de Melos<sup>48</sup>, nem em nenhuma outra pintura.

FILEMÁCIO

Então toma lá um espelho. (*Beija o espelho e entrega-o a Escafa*)

FILÓLAQUES (*à parte*)

Ai, infeliz de mim! Ela beijou o espelho! Como eu gostava de ter uma pedra para fazer em pedacinhos a face daquele espelho!

ESCAFA (*entrega um pano a Filemácio*)

Toma lá um pano e limpa as mãos!

FILEMÁCIO

Por que razão? - diz-me.

ESCAFA

Uma vez que agarraste o espelho, temo que as tuas mãos fiquem a cheirar a dinheiro<sup>49</sup> e que Filólaques desconfie que o aceitaste de algum outro pretendente.

FILÓLAQUES (*à parte, irritado*)

Julgo que nunca vi nenhuma alcoviteira mais manhosa! Como é que lhe veio à ideia, de uma maneira tão graciosa e astuta, essa do espelho?!

FILEMÁCIO

Não achas que devo também perfumar-me com unguentos?

ESCAFA

Não faças nada disso!

---

<sup>48</sup> *Melinum*.

<sup>49</sup> No original, *argentum*: 'prata'.

FILEMÁCIO

Porquê?

ESCAFA

Por Castor! Porque uma mulher cheira bem, quando não cheira a nada. Na verdade, essas velhas decrépitas e desdentadas, que se perfumam com unguentos, escondem, através da maquiagem, os defeitos do seu corpo. Quando o suor se mistura com os perfumes, ficam logo a cheirar como quando um cozinheiro mistura muitos molhos - não se sabe a que é que cheiram, só se percebe que cheiram mal.

FILÓLAQUES (*à parte*)

Como ela é sabida! Não há ninguém mais esperto do que ela! (*Para o público*) Aquilo é verdade! Até uma grande parte de vós, que tendes velhas esposas em casa, que vos compraram com o seu dote, o reconhece.

FILEMÁCIO

Escafa, vê lá se me ficam bem os adornos de ouro e a mantilha.

ESCAFA

Não me compete ocupar disso.

FILEMÁCIO

Então a quem é que compete, diz lá?

ESCAFA

Vou dizer-te: a Filólaques. Ele que não compre nada, a menos que julgue que lhe agrada. De facto, um namorado compra as gentilezas da sua cortesã com ouro e púrpura. Que necessidade há de aparecer diante dele com uma coisa que ele não quer para si? A púrpura deve ocultar a idade, e o ouro a feiura da mulher. Uma mulher bela será mais bonita nua, do que vestida de púrpura. Além disso, de nada serve estar bem

arranjada caso se tenha um comportamento indigno. *Uma má conduta é pior do que lama para manchar belos adornos.* Na realidade, quando se é bela, já se está suficientemente bem arranjada.

FILÓLAQUES (*à parte, farto de estar escondido*)

Já estou a conter-me há muito tempo. (*Filólaques sai do seu local de refúgio e interpela Filemácio e Escafa*) O que é que estão aqui a fazer?

FILEMÁCIO

Estou a embelezar-me para agradecer-te.

FILÓLAQUES

Já estás suficientemente bela. (*Dirigindo-se a Escafa*) Vai lá para dentro e leva estes adornos! (*Para Filemácio*) Minha querida, minha Filemácio, estou desejoso para tomar alguma coisa contigo.

FILEMÁCIO

E eu contigo, por Pólux, pois aquilo que te agrada também me agrada, meu querido!

FILÓLAQUES

Eis uma palavra que vale mais de vinte minas<sup>50</sup>!

FILEMÁCIO (*tomando as palavras de Filólaques à letra*)

Deixa cá ver dez, se faz favor! Quero que faças uma boa compra por essa palavra.

FILÓLAQUES

Mas já tens dez minas em tua casa! Ora, faz a conta: dei trinta minas pela tua liberdade!

---

<sup>50</sup> Embora não exista somente um único sistema de conversão, em termos gerais, por ordem de valia, da menor para a maior, consideravam-se as seguintes moedas: o dracma, a mina e o talento; 100 dracmas equivaleriam a 1 mina e 60 minas a 1 talento.

FILEMÁCIO

Porque me censuras?

FILÓLAQUES

Eu, censurar-te?! Quero é censurar-me a mim próprio, pois há já muito tempo que não gastava dinheiro tão bem gasto!

FILEMÁCIO

E eu, certamente não poderia ter depositado o meu amor em melhor lugar.

FILÓLAQUES

Portanto, feitas as contas, entre receitas e despesas, estamos quites: tu amas-me, eu amo-te e ambos sabemos que fazemos bem. Aqueles que se alegram com isso, que se alegrem também com a sua sempiterna felicidade. Os que têm inveja, nunca tenham algo que alguém possa invejar!

FILEMÁCIO (*para Filólaques*)

Vamos! Põe-te confortável! (*À porta, dirigindo-se a um escravo*) Traz água para as mãos, rapaz! Coloca aqui uma mesinha! Vê onde é que estão os dados! (*Para Filólaques*) Acaso queres alguns unguentos?

FILÓLAQUES

Para quê? Estou sentado com a mirra em pessoa. (*Olha para a rua e avista alguém a aproximar-se*) Acaso não é o meu amigo que está a encaminhar-se para aqui com a sua companheira? É ele, sim! Calidamates está a chegar com a companheira! (*Para Filemácio*) Muito bem, menina dos meus olhos! Eis que os companheiros de armas se reúnem! Devem vir reclamar uma parte dos despojos!

## CENA 4

CALIDAMATES

DÉLFIO

FILÓLAQUES

FILEMÁCIO

*(Entram Calidamates, a cambalear devido à bebedeira, e Délfio, seguidos de alguns escravos)*

CALIDAMATES *(dirigindo-se a um escravo)*

Eu quero que venhas buscar-me oportunamente a casa de Filólaques. Ei-la ... já sabes o que tens a fazer. *(O escravo retira-se)* É que eu saí do sítio onde estava: fartei-me do festim e da conversa. Agora vou dar-me aos prazeres da mesa, na casa de Filólaques, onde hão-de receber-nos com espírito aberto e de modo prazeroso. *(Para Délfio)* Acaso tenho aspecto de estar be-b-bê-bado?

DÉLFIO

Tu portas-te sempre desta maneira... *(Délfio agarra Calidamates e tenta guiá-lo na direcção da casa de Filólaques)*

CALIDAMATES *(interpretando mal a ajuda de Délfio)*

Acaso tu queres abraçar-me e que eu também te abrace?

DÉLFIO *(pacientemente)*

Se isso te apraz, à vontade!

CALIDAMATES

És amável. Conduz-me, querida.

DÉLFIO *(agarrando Calidamates que, entretanto, tropeçara)*

Tem cuidado para não caíres! Anda, levanta-te!

CALIDAMATES *(colocando a sua cabeça no colo de Délfio)*

M- m- menina dos meus olhos, eu sou o teu bebé, meu docinho de mel!

DÉLFIO

Cuida apenas para que não caias na rua, antes de nos acomodarmos ali, onde há um leito estendido para nós!

CALIDAMATES

Deixa-me ... deixa-me cair!

DÉLFIO

Eu vou deixar-te, mas isso está nas minhas mãos: se caíres, não há-de cair sem que eu caia contigo.

[CALIDAMATES]

Quando estivermos caídos, depois alguém há-de levantar-nos.

DÉLFIO (*em voz baixa, referindo-se a Calidamates*)

O homem está com uma carraspana!

CALIDAMATES (*com ar de indignação, pára e afasta-se de Délfio*)

Tu estás a dizer que eu estou com uma c- ca- carras- carraspana?!

DÉLFIO

Dá-me a tua mão! Não quero que te estateles!

CALIDAMATES (*estende novamente a mão a Délfio*)

Toma lá!

DÉLFIO

Anda, acompanha-me!

CALIDAMATES

Aonde é que eu vou?

DÉLFIO

Então não sabes?

CALIDAMATES

Ah, já sei! Lembrei-me agorinha mesmo. Claro! Vou para essa casa fazer um regabofe!

DÉLFIO

É precisamente isso!

CALIDAMATES

Lembrei-me bem!

FILÓLAQUES (*olhando para Filemácio*)

Não queres que eu vá ao encontro deles, meu amor? De todos, ele é aquele que eu estimo mais. Eu já volto! (*Dirige-se a Calidamates*)

FILEMÁCIO

Esse 'já', para mim, é uma eternidade!

CALIDAMATES (*sem ver nada, devido ao estado de embriaguez em que se encontra*)

Está aqui alguém?

FILÓLAQUES

Sim, está!

CALIDAMATES

Bravo, Filólaques! Viva, meu amigo, o mais compincha de entre todos os homens!

FILÓLAQUES

Que os deuses te abençoem! Senta-te à mesa, Calidamates. Donde vens tu?

CALIDAMATES

Donde pode vir um homem completamente ébrio.

FILÓLAQUES (*para Délfio*)

Porque é que não te acomodas à mesa, se faz favor, minha cara Délfio?

CALIDAMATES

Dá-lhe algo que se beba! Eu cá vou já dormir. (*Deita-se*)

FILÓLAQUES (*em tom de gracejo*)

Irá porventura fazer algo de novo ou de extraordinário? E agora o que é que hei-de fazer?

DÉLFIO

Deixa-o assim.

FILÓLAQUES

(*Para um escravo*) Vamos! Tu, entretanto, faz circular rapidamente a taça, a começar por Délfio!



## ACTO II

### CENA I

TRANIÃO

FILÓLAQUES

CALIDAMATES

DÉLFIO

FILEMÁCIO

RAPAZ

*(Tranião regressa, pelo lado direito da cena, carregado de compras).*

TRANIÃO *(para com os seus botões, com ar atemorizado)*

O supremo Júpiter desejou, com todas as suas forças e com todos os seus esforços, que eu e Filólaques, o filho do meu senhor, nos desgraçássemos! As nossas esperanças caíram por terra! A nossa *Convicção* já não tem albergue! Nem *Salus*<sup>51</sup>, se quisesse, poderia ser, neste momento, a nossa salvação!

Acabei de avistar, junto ao porto, uma íngreme montanha de profunda desgraça: o meu amo chegou do estrangeiro. Tranião está perdido!

*(Para a audiência)* Há aqui algum homem que deseje ganhar algum, por se sujeitar a ser torturado no meu lugar? Onde estão aqueles que levam muita pancada, os escravos que costumam ser postos a ferros ou então aqueles que, por três dinheiros, escalam torres inimigas, onde o seu corpo costuma ser trespassado por uma dezena de lanças? Eu oferecerei um talento àquele que primeiro sair a correr para a tortura, mas com a condição de lhes serem duplamente atados os pés, as mãos e os braços. Quando isso tiver sido feito, poder-me-á pedir o dinheiro, que estará à disposição.

---

<sup>51</sup> Consagrada com um templo no Quirinal, esta divindade foi sendo associada, em Roma, à grega Hígia, enquanto personificação da *Saúde*.

*(Não havendo nenhum voluntário da assistência, Tranião desiste)*

Mas que miserável sou eu, que não me ponho a correr o mais rapidamente possível para casa? *(Dirige-se para a casa de Filólaques)*.

FILÓLAQUES *(ao ver o escravo Tranião a chegar com as compras)*

Já chegou! Já cá está a comida! Eis que Tranião regressa do porto!

TRANIÃO *(pousando as mercadorias e com um tom aflitivo e ofegante)*

Filólaques!

FILÓLAQUES

O que é?

TRANIÃO *(cansado da correria)*

Não só eu, mas também tu ... *(para para respirar)*

FILÓLAQUES

O que é que 'não só eu, mas também tu' ... ?

TRANIÃO

... estamos perdidos!

FILÓLAQUES *(com semblante assustado)*

Como assim?!

TRANIÃO

O teu pai está cá.

FILÓLAQUES *(com ar surpreso e incrédulo)*

O que é que eu estou a ouvir da tua boca?

TRANIÃO *(entrando em pânico)*

Estamos tramados! O teu pai chegou, estou a dizer-te!

FILÓLAQUES

Onde é que ele está? - Diz-me, se faz favor!

TRANIÃO

Já chegou!

FILÓLAQUES

[Chegou?] Quem é que disse isso? Quem viu?

TRANIÃO

Eu próprio vi-o, estou a dizer-te!

FILÓLAQUES (*põe as mãos à cabeça*)

Ai de mim! O que é que eu faço agora?

TRANIÃO (*ironicamente, interpretando 'à letra' as palavras de Filólaques*)

Essa é boa! Então tu perguntas-me o que é que fazes? Estás sentado à mesa!

FILÓLAQUES (*sem ligar à observação de Tranião*)

Tu mesmo é que o viste?

TRANIÃO

Estou a dizer-te que fui eu mesmo.

FILÓLAQUES

De certeza?

TRANIÃO

De certeza! Estou a dizer-te!

FILÓLAQUES

Estou morto, se estás a dizer a verdade!

TRANIÃO

O que é que eu lucrava em mentir?

FILÓLAQUES

E agora, o que hei-de fazer?

TRANIÃO

Manda tirar estas coisas daqui. (*Olhando para Calidamates, a dormir*) Quem é este que está aí a dormir?

FILÓLAQUES

É o Calidamates.

TRANIÃO (*dirigindo-se a Défio*)

Acorda-o, Défio!

DÉLFIO (*abanando Calidamates*)

Calidamates! Calidamates! Acorda!

CALIDAMATES (*zozzo*)

Estou acordado! Dá-me alguma coisa que se beba!

DÉLFIO (*gritando-lhe ao ouvido*)

Acorda! O pai de Filólaques chegou de viagem!

CALIDAMATES (*sob os efeitos do álcool e do sono*)

Saudinha ao pai!

FILÓLAQUES

Ele com certeza que está de boa saúde. Eu é que estou duplamente morto!

CALIDAMATES (*interpretando mal Filólaques*)

Morreste duas vezes<sup>52</sup>? Como é que isso é possível?

FILÓLAQUES (*abanando Calidamates*)

Peço-te, por Pólux, levanta-te! O meu pai chegou!

CALIDAMATES

O teu pai chegou? Manda-o outra vez embora. Porque é que ele vol-voltou de novo para aqui?

FILÓLAQUES

O que é que eu hei-de fazer? O meu pai vai deparar-se comigo, um pobre bêbedo, e com a sua casa cheia de convivas e de mulheres. Triste a necessidade de cavar um poço, quando a sede aperta a goela! Eis-me assim, um infeliz, aquando da chegada do meu pai, a perguntar o que hei-de fazer!

---

<sup>52</sup> Filólaques diz *disperii*, ao passo que Calidamates, não tendo percebido bem, formula a seguinte pergunta: *Bis periisti?*

TRANIÃO (*vendo que Calidamates adormecera novamente*)

Olha! Este deitou a cabeça e voltou a dormir. (*Para Filólaques*) Levanta-o!

FILÓLAQUES (*conseguindo arrastá-lo*)

Já estás acordado? O meu pai está prestes a chegar, estou a dizer-te!

CALIDAMATES (*parecendo ter finalmente compreendido a situação*)

Estás a referir-te ao teu pai? (*Depois, ainda confuso, imagina estar no meio de um combate*) Dá-me cá as minhas sandálias, para que possa pegar nas minhas armas. Por Pólux, vou já matar o teu pai!

FILÓLAQUES (*impede Calidamates de avançar*)

Vais pôr tudo a perder!

DÉLFIO (*para Calidamates*)

Cala-te, se faz favor!

TRANIÃO (*para uns escravos*)

Peguem nele e tragam-no imediatamente aqui para dentro!

CALIDAMATES (*acometido por uma necessidade fisiológica premente...*)

Por Hércules, se não me derem já um penico, eu tomar-vos-ei por um bacio de quarto!

FILÓLAQUES (*com ar de desespero*)

Estou perdido!

TRANIÃO

Tem esperança! Eu vou tratar dessa inquietação da melhor maneira!

FILÓLAQUES

Estou aniquilado!

TRANIÃO (*tentando pensar*)

Cala-te! Eu vou magicar qualquer coisa para te acalmar! Ficarias satisfeito se eu fizesse com que o teu pai, que acabou de regressar, não só não entrasse, mas até fugisse para longe da casa? (*Para os escravos*) Vocês, retirem rapidamente estas coisas e saiam daqui!

FILÓLAQUES

Onde é que eu vou ficar?

TRANIÃO

Onde preferires: (*Apona para Filemácio*) com esta (*Apona para Délfio*) e com essa.

DÉLFIO (*para Tranião*)

Como assim? Temos de ir embora daqui?

TRANIÃO (*demonstrando com os seus dedos*)

Não para uma distância maior do que esta, Délfio. E lá dentro, não deixem de beber nem um bocadinho a menos por causa disto.

FILÓLAQUES

Ai de mim! Aonde é que se vai chegar com este paleio manso! Estou zozzo com tanto medo!

TRANIÃO

Será que podes sossegar o espírito e fazer o que estou a mandar-te?

FILÓLAQUES

Posso.

TRANIÃO

Primeiro que tudo, Filemácio, vai lá para dentro e tu também, Délfio.

DÉLFIO

Submeter-nos-emos ambas à tua vontade. (*Filemácio, Délfio e os escravos dirigem-se para o interior da casa*)

TRANIÃO

Que o supremo Júpiter assim queira! (*Para Filólaques*) Presta agora atenção àquilo que eu pretendo que se faça! Primeiramente, providencia de imediato para que a casa fique fechada e cuida para que ninguém dê um pio lá dentro.

FILÓLAQUES

Vou cuidar.

TRANIÃO

Como se não habitasse viv' alma na casa.

FILÓLAQUES

Certo.

TRANIÃO

E que ninguém responda, quando o velho bater a esta porta.

FILÓLAQUES

Mais alguma coisa?

TRANIÃO

Manda trazer-me imediatamente a chave mestra<sup>53</sup>, lá de dentro. Eu vou trancar a casa por fora.

FILÓLAQUES

Estou a colocar a minha pessoa e as minhas esperanças nas tuas mãos, Tranião! (*Dirige-se a casa*)

TRANIÃO (*para a audiência*)

O que valerá mais: ser protector ou protegido? Não há a mínima diferença<sup>54</sup>.

---

<sup>53</sup> Chave mestra, no original *Laconica*. De natureza espartana, esta chave de aspecto tosco servia para fechar uma porta pelo exterior. Cf. Barton 1972.

<sup>54</sup> Note-se outra vez a subversão patente no discurso de Tranião, ao mitigar, na sua exposição, a diferença entre *patronus* e *cliens*.

## CENA 2

TRANIÃO

ESFERIÃO

TRANIÃO (*sozinho*)

A um homem que não tenha nenhuma audácia no peito [seja ele um excelente ou um péssimo indivíduo] é fácil vir a proceder mal, tão repentinamente quanto lhe aprouver. Contudo, deve ter-se isto em atenção: para um indivíduo astuto é necessário que aquilo que se destruiu e os seus maus feitos acabem em bem e corram pelo melhor, sem nenhum percalço, para que não haja a possibilidade de, por causa disso, se arrepender de estar vivo. E é assim que eu vou fazer, no que concerne às trapaçarias que nós aqui combinámos. Seguramente, tudo vai tornar-se claro e tranquilo, sem que, por causa disso, haja inconvenientes para nenhum de nós. (*Aflito, dirigindo-se ao escravo que saía da casa*) Estou perdido! Mas porque é que estás a sair de casa? (*Recompõe-se ao ver que o Rapaz/escravo Esferião trazia a chave pedida*) Ah! Ótimo! Compreendeste perfeitamente as minhas recomendações!

RAPAZ

Ele mandou-me pedir-te por tudo para que tentasses evitar, de qualquer jeito e maneira, que o pai entrasse e fosse ao seu encontro.

TRANIÃO

E tu dir-lhe-ás que eu hei-de fazer com que ele não ouse sequer olhar para a casa e que fuja, cheio de medo, com a cabeça tapada. Dá-me a chave, vai para dentro e fecha a porta, que eu vou trancá-la daqui. (*Tranião tranca a porta e começa a falar para consigo*) Ele que venha agora! Eu hoje vou fazer um joguete<sup>55</sup>

<sup>55</sup> O termo *ludus* (jogo) estabelece ligação com a *partida* de que o *senex*



deste velho, vivo e em pessoa, como ele nunca terá aquando da sua morte. Vou retirar-me aqui da porta e vou espiar, de longe, como é que hei-de assentar o fardo em cima do velho, que está a chegar.

### CENA 3

TEOPRÓPIDES

TRANIÃO

*(Entra Teoprópides, vindo do porto, acompanhado por alguns escravos, que lhe carregam a bagagem).*

TEOPRÓPIDES *(em solilóquio)*

Ó Neptuno, estou-te eternamente grato porque me trouxeste vivo, lá dos teus domínios, para minha casa. Se depois disto souberes que eu coloquei sequer a largura de um pé numa onda, não haverá motivo nenhum para que não me faças aquilo que querias fazer-me ainda agora. Afasta-te, afasta-te já de mim, a partir deste dia! Já te confiei tudo o que podia ter-te confiado!

TRANIÃO *(à parte, escondido)*

Por Pólux, Neptuno! Cometeste uma enorme falta ao teres perdido esta ocasião tão boa!

TEOPRÓPIDES

Após três anos no Egipto, regresso a casa: creio que vou ser esperado pelos meus familiares.

TRANIÃO *(à parte)*

Por Pólux, muito mais esperado podia ser aquele que viesse anunciar a tua morte.

---

irá ser alvo muito em breve, mas também se conecta com os jogos fúnebres que acompanham os funerais.

TEOPRÓPIDES (*chega ao pé da sua casa e tenta abrir a porta*)

Mas o que é isto? A porta encontra-se fechada em pleno dia! Vou bater. (*Dá algumas batidas na porta*) Eh lá, está alguém em casa? Não vêm abrir?

TRANIÃO (*aparece diante de Teoprópides, fingindo não o reconhecer*) Quem é este homem que está ao pé da nossa casa?

TEOPRÓPIDES (*reconhece o seu escravo*)

Este é o meu escravo Tranião!

TRANIÃO (*finge que é a primeira vez, desde há muito, que está a ver o patrão*)

Ó Teoprópides, meu amo, salve! Folgo que tenhas chegado são e salvo! Tens estado sempre bem?

TEOPRÓPIDES

Sempre, como vês.

TRANIÃO

Ótimo!

TEOPRÓPIDES

E quanto a vocês, estão doidos?!

TRANIÃO

Então porquê?

TEOPRÓPIDES

Afinal, porque é que andas a passear aqui por fora? Não está nem *viv' alma* a guardar a casa; ninguém atende nem ninguém responde. De tanto bater, quase quebrei ambas as aldrabas da porta.

TRANIÃO (*fingindo espanto e medo*)

Eh lá! Tu tocaste na casa?

TEOPRÓPIDES

Porque não haveria de ter tocado? E estou a dizer-te que de

tanto bater quase pus a porta a baixo.

TRANIÃO

Tu tocaste?

TEOPRÓPIDES

Toquei, estou a dizer-te, e também bati.

TRANIÃO (*mostra-se um semblante temeroso*)

Oh!

TEOPRÓPIDES

O que é?

TRANIÃO

Por Hércules, fizeste um grande mal!

TEOPRÓPIDES

Que história é essa?

TRANIÃO

É indiscreto o crime indigno e hediondo que acabaste de cometer.

TEOPRÓPIDES (*sem perceber o que estava a passar-se*)

Como assim?

TRANIÃO (*começa a correr*)

Foge, peço-te, e afasta-te dessa casa! (*Teoprópides afasta-se um pouco*) Foge para aqui, foge para mais perto de mim! Tu tocaste à porta?

TEOPRÓPIDES (*vai para junto de Tranião*)

De que modo poderia ter batido, se não tivesse tocado?

TRANIÃO

Por Hércules, tu mataste ...

TEOPRÓPIDES

Quem é que eu matei?

TRANIÃO

... todos os teus.

TEOPRÓPIDES

Que todos os deuses e deusas causem, por esse teu presságio

...

TRANIÃO

Temo que tu não possas expiar-te a ti, nem aos teus.

TEOPRÓPIDES

Por que motivo? Que novidades é que me trazes tão abruptamente?

(Lacuna)

TRANIÃO

Psst! (*Para Teoprópides, olhando para os escravos que o acompanhavam e que se mantêm ao pé da casa*) Ordena que se afastem os dois dali!

TEOPRÓPIDES (*para os escravos*)

Eh, saiam daí! (*Toca no solo*)

TRANIÃO (*para os escravos*)

Não toquem na casa. (*Toca com a mão no solo*) Toquem vocês também na terra<sup>56</sup>!

TEOPRÓPIDES (*impaciente*)

Por Hércules, peço-te que fales.

TRANIÃO

Há já sete meses que ninguém põe um pé nesta casa, uma vez que nos fomos embora daqui.

TEOPRÓPIDES

Como assim, explica lá?

---

<sup>56</sup> Em assuntos relativos aos mortos, havia o hábito de tocar o solo.

TRANIÃO (*olha à volta, a ver se não está alguém a ouvi-los*)  
É preciso olhar em redor. Haverá alguém que esteja a ouvir a nossa conversa?

TEOPRÓPIDES (*olha em redor, mas não vê ninguém*)  
Está tudo bem.

TRANIÃO  
Olha outra vez.

TEOPRÓPIDES (*olha de novo*)  
Não há ninguém. Agora desembucha.

TRANIÃO  
Foi cometido um crime capital<sup>57</sup>.

TEOPRÓPIDES  
O quê? Não estou a perceber.

TRANIÃO  
Estou a dizer-te que foi cometido um crime, já há tempo - um velho e antigo crime.

TEOPRÓPIDES  
Antigo?!

TRANIÃO  
Sim, e nós agora descobrimos o sucedido.

TEOPRÓPIDES  
Que crime é esse e quem é que o cometeu? Diz lá.

TRANIÃO  
Um anfitrião matou o seu hóspede - assassinou-o com as suas próprias mãos. Esse, segundo creio, foi aquele que te vendeu a casa.

TEOPRÓPIDES (*admirado*)  
Matou?!

---

<sup>57</sup> Entenda-se *assassinato*.

TRANIÃO

E ainda roubou o ouro ao hóspede e enterrou-o, esse seu hóspede, aqui mesmo na sua própria casa.

TEOPRÓPIDES

O que é que vos fez suspeitar disso?

TRANIÃO

Eu vou dizer-te: escuta. Um certo dia, o teu filho foi cear fora de casa. Depois do jantar, quando regressou, fomos todos para o quarto e adormecemos. Por acaso, tinha-me esquecido de apagar a lanterna e eis que, de repente, ele soltou um enorme grito ...

TEOPRÓPIDES (*em voz alta*)

Quem? O meu filho?

TRANIÃO

Chiu! Caluda! Ouve só: ele disse-me que um defunto tinha ido ter com ele, enquanto dormia.

TEOPRÓPIDES

Portanto, em sonhos, com certeza?!

TRANIÃO

Sim, mas ouve: ele disse-me que o morto lhe falou desta maneira: ...

TEOPRÓPIDES (*interrompe o escravo*)

Em sonhos?

TRANIÃO (*com ironia*)

É espantoso que não lhe tivesse falado quando estava acordado, tendo ele sido assassinado há sessenta anos!... Por vezes és mesmo estúpido, Teoprópides!

TEOPRÓPIDES

Eu calo-me.

TRANIÃO

E eis o que o morto lhe disse, em sonhos: *(Com uma voz cavernosa)* “Eu sou Diapôncio, um hóspede de além-mar. Vivo aqui: esta habitação tornou-se minha. Na verdade, o Orco<sup>58</sup> não quis receber-me no Aqueronte<sup>59</sup>, porque fiquei prematuramente privado da vida. Fui vítima de uma perfídia. O meu anfitrião, esse criminoso, por causa do meu ouro, assassinou-me aqui e enterrou-me às escondidas, sem sepultura, nesta casa. Tu, agora, sai daqui. Esta casa é maldita e habitá-la é um sacrilégio.” *(Retornando à sua voz normal)* Só com esforço poderia narrar-te num ano as coisas monstruosas que aqui se passaram. *(Interrompe subitamente)* Chiu! Chiu!

TEOPRÓPIDES

O que é que se passou? - Por Hércules, peço-te!

TRANIÃO *(verifica a porta)*

A porta está fechada. Será que foi ele que a trancou?

TEOPRÓPIDES *(lívido)*

Já não tenho uma gota de sangue! Os mortos estão a levar-me vivo para o Aqueronte!

TRANIÃO *(à parte, com medo do barulho que aqueles que ficaram dentro da casa estavam fazer)*

Estou perdido! Eles vão estragar-me a história! Estou a morrer de medo de que o velho me apanhe aqui em flagrante.

TEOPRÓPIDES

O que é que estás para aí a falar sozinho?

TRANIÃO

Afasta-te da porta. Peço-te que fujas, por Hércules!

---

<sup>58</sup> Orco equivale aqui a Plutão, o deus dos Infernos.

<sup>59</sup> O Aqueronte correspondia aos Infernos, ao mundo ctónico aonde confluíam as almas dos mortos.

TEOPRÓPIDES

Para onde hei-de fugir? Foge tu também!

TRANIÃO (*mantém-se, com ar impávido e sereno, ao pé da casa*)

Eu não temo nada. Estou em paz com os mortos!

DE DENTRO

Eh, Tranião!

TRANIÃO (*para os que permanecem escondidos no interior da casa, fingindo ser o fantasma que está a chamá-lo*)

Se tivesses senso, não me chamavas. Eu não fiz nada de mal! Não fui eu que bati à porta!

TEOPRÓPIDES (*aproxima-se de Tranião, que permanece junto da porta da casa*)

O que é que estás a inquietar-te, Tranião? Com quem estás a falar?

TRANIÃO (*fingindo só então ter ouvido as perguntas de Teoprópides*)

Desculpa, por acaso foste tu que me chamaste? Que os deuses me protejam! Pensei que o defunto estivesse a queixar-se, por teres batido à porta. Mas tu ainda aí estás? Não queres fazer o que eu te digo?

TEOPRÓPIDES

O que hei-de fazer?

TRANIÃO

Não olhes para trás! Foge! Esconde a cabeça!

TEOPRÓPIDES (*enquanto foge*)

Porque é que tu não foges?

TRANIÃO

Eu estou em paz com os mortos.



TEOPRÓPIDES

Sei!... Então porque é que ainda agora ...? Porque estavas com tanto medo?

TRANIÃO

Não te preocupes comigo, estou a dizer-te. Eu zelarei por mim. Uma vez que foste tu que começaste, foge o mais depressa possível e invoca Hércules<sup>60</sup>!

TEOPRÓPIDES

Hércules<sup>61</sup>, invoco-te! (*Teoprópides sai de cena*)

TRANIÃO

E eu também (*olhando para Teoprópides*), para que te mande hoje, ó velho, um grande mal! Deuses imortais, suplico a vossa protecção! Eu hoje meti-me cá numa enrascada!

---

<sup>60</sup> A invocação a Hércules justifica-se, na medida em que terá conseguido exterminar vários monstros.

<sup>61</sup> Hércules é também invocado enquanto acompanhante dos viajantes, incluindo na 'derradeira viagem'.

## ACTO III

### CENA I

AGIOTA

TRANIÃO

TEOPRÓPIDES

*(Entra o Agiota Misargírides)*

AGIOTA *(pensando em voz alta)*

Nunca vi um ano mais aziago do que este para os meus empréstimos de dinheiro. De manhã à noite, passo o dia no fórum, sem conseguir fazer o empréstimo de uma moeda a ninguém.

TRANIÃO *(ao ver o Agiota a aproximar-se)*

Por Pólux, *(à parte)* agora é que eu estou completamente perdido para todo o sempre! Vem aí o Agiota, aquele que emprestou o dinheiro para a compra da concubina e também \*\*\*\*\*. Se eu não me apressar para que o velho não tope isto, a marosca vai ser descoberta. *(Resolve ir ao encontro do Agiota)* Vou ao encontro dele. *(Entretanto, avista Teoprópides)* Mas porque é que ele voltou tão depressa para casa? Temo que ele tenha ouvido alguma coisa acerca disto. Vou aproximar-me e dirigir-lhe a palavra. Ai, infeliz de mim, o quanto temo! Não há nada mais miserável do que um homem que tem a consciência pesada, assim como eu! Mas, seja como for, hei-de continuar *a misturar as águas*: a situação assim o exige! *(Para Teoprópides)* Donde é que tu estás a vir?

TEOPRÓPIDES

Encontrei o indivíduo a quem eu comprei a casa.

TRANIÃO

Falaste-lhe daquilo que eu te disse?

TEOPRÓPIDES

Sim, por Hércules, contei-lhe tudo!

TRANIÃO (*à parte*)

Ai, pobre de mim! Temo que a minha patranha esteja perdida de vez!

TEOPRÓPIDES

O que é que estás para aí a cochichar?

TRANIÃO

Nada. Mas conta-me lá, se faz favor, disseste-lhe mesmo?

TEOPRÓPIDES

Disse, estou a afirmar-te! Tintim por tintim.

TRANIÃO

E ele confessou a respeito do hóspede?

TEOPRÓPIDES

Pelo contrário, nega categoricamente.

TRANIÃO

Nega? \*\*\*\*\* Pensa bem ... \*\*\*\*\*

TEOPRÓPIDES

Se ele tivesse confessado, eu dizia-te. O que pensas que deve fazer-se agora?

TRANIÃO

Eu? O que é que penso? Por Hércules, confronta-o com um juiz. Mas vê lá se encontras um que confie em mim. Então hás-de ganhar a causa com tanta facilidade como *uma raposa come uma pêra*<sup>62</sup>.

---

<sup>62</sup> Tranião utiliza aqui hábil e cuidadosamente esta expressão ambígua. Por um lado, será pouco provável que uma raposa coma uma pêra, donde a improbabilidade de Teoprópides vir a ganhar a causa. Por outro lado, a voracidade da raposa ao degustar o fruto anunciaria um ganho fácil da petição.

AGIOTA (*avista o servo Tranião*)

Mas eis que é Tranião, o servo de Filólaques, aquela gente que do meu dinheiro não me paga nem o juro, nem o capital!

TEOPRÓPIDES (*vendo que o escravo está a afastar-se*)

Aonde vais?

TRANIÃO

Não vou a lado nenhum. (*À parte, apercebendo-se de que o Agiota está a ir ao seu encontro*) Ah, que eu sou um infeliz, um desgraçado, nascido com a inimizade de todos os deuses! Aquele está a vir ao meu encontro, na presença aqui do meu amo. Como eu sou realmente um homem infortunado: quer de um lado, quer do outro, eles põem-me em apuros! Todavia, vou ao seu encontro. (*Decide ir ter com o Agiota*)

AGIOTA (*para consigo*)

Ele está a vir ao meu encontro. Estou salvo! Há esperança para o meu dinheiro!

TRANIÃO (*à parte*)

Ele está alegre. O tipo está feliz em vão. (*Para o Agiota*) Dou-te os bons dias, Misargirida!

AGIOTA

Bom dia para ti também! Então é o dinheiro?

TRANIÃO

Desaparece, ó besta! Ainda mal cheguei e tu já estás a lançar-me dardos, um atrás do outro!

AGIOTA (*para a audiência*)

Este tipo está teso, de certeza!

TRANIÃO (*ouve as palavras do Agiota e comenta*)

Este indivíduo é sem sombra de dúvida um adivinho!

AGIOTA

Tu queres deixar-te desses disparates?

TRANIÃO

Queres dizer-me o que pretendes?

AGIOTA

Onde é que Filólaques está?

TRANIÃO

Não poderias ter chegado numa altura mais oportuna do que agora.

AGIOTA

Como assim?

TRANIÃO

Chega aqui! (*Leva o Agiota para longe de Teoprópides*)

AGIOTA (*em voz muito alta*)

Porque não me é pago o juro?

TRANIÃO

Já sei que tu tens uma boa voz. Não grites tanto!

AGIOTA (*em altos brados*)

Por Hércules, podes ter a certeza de que vou gritar!

TRANIÃO (*tenta acalmar o Agiota*)

Vá lá! Tem compaixão de mim!

AGIOTA

Que compaixão queres que eu tenha para contigo?

TRANIÃO

Vai para casa, por favor!

AGIOTA

Ir-me embora?!

TRANIÃO

Regressa por volta do meio-dia.

AGIOTA

E ele vai pagar os juros que me deve?

TRANIÃO

Há-de pagar. Agora vai. (*Empurra-o*)

AGIOTA (*fazendo tenções de ficar*)

Porque hei-de eu voltar e despende esforço e tempo? Não será melhor ficar aqui até ao meio-dia?

TRANIÃO

Não. Vai para casa. Por Hércules, estou a dizer a verdade! Desanda daqui para fora!

AGIOTA

Então paguem-me os juros. Porque é que estão para aí a brincar comigo?!

TRANIÃO

Ai, por Hércules, que tu ... escuta-me, vai-te embora!

AGIOTA (*a falar muito alto*)

Juro por Hércules que vou começar a chamar pelo nome dele!

TRANIÃO

Bravo, valente! Adiantaste muito agora com essa gritaria!

AGIOTA

Estou a pedir o que é meu. Já há muitos dias que estão a enganar-me dessa forma. Se eu sou um incómodo, devolvam-me o dinheiro e eu vou-me embora. Com essa palavra<sup>63</sup> pões fim a todas as reclamações.

TRANIÃO

Então toma lá o capital<sup>64</sup>. (*Gesticula como se tivesse, de facto, o dinheiro consigo*)

---

<sup>63</sup> A palavra em questão seria, por exemplo, 'devolvo'.

<sup>64</sup> Tranião finge estar pronto a entregar o capital emprestado pelo usurário, na certeza, porém, de que ele nunca iria aceitar o capital antes dos juros.

AGIOTA (*em voz muito alta*)

Não, primeiro quero o juro.

TRANIÃO

O que é que tu estás a dizer, ó mais abominável de entre todos os homens? Vieste aqui para dilatares os pulmões? Faz o que estiver ao teu alcance. Se ele não paga é porque não deve.

AGIOTA

Não deve?!

TRANIÃO

Nem a ponta de um chavelho tu levarás daqui. Porventura preferes que ele se vá embora de casa, que saia da cidade por causa dos teus juros, ou vais deixar que ele pague já o capital?

AGIOTA

Mas eu não estou a pedir o capital. Primeiro que tudo, deve ser-me pago o juro.

TRANIÃO

Não sejas chato! Ninguém vai pagar-te. Faz o que te der na gana. Creio que és a única pessoa a emprestar dinheiro a juros!

AGIOTA (*esbracejando e dizendo em voz alta*)

Paga-me o juro! Dá-me o juro! Vocês dêem-me o juro! Acaso vão dar-me imediatamente o juro, ou não? Devolves-me o juro?!

TRANIÃO

Juro para aqui, juro para acolá! Não sabe dizer outra coisa a não ser 'o juro'. Vai-te daqui para fora! Julgo que nunca vi nenhuma besta mais hedionda do que tu!

AGIOTA

Por Pólux, não consegues meter-me medo com essas palavras!

TEOPRÓPIDES (*ouvindo o que se passa*)

A coisa parece estar quente. É bom ficar longe. Está a abrasar

com força! (*Para Tranião*) Diz-me lá, por favor: que juro é esse que ele está para aqui a pedir?

TRANIÃO (*aponta para Teoprópides*)

Aqui está o pai dele que chegou do estrangeiro ainda não há muito tempo. Ele pagar-te-á o juro e o capital. Mas não penses em ludibriar-nos. (*Comentando a atitude do Agiota que corre para junto de Teoprópides*) Vejam lá se ele perde um segundo!

AGIOTA

Aceitarei aquilo que ele me der.

TEOPRÓPIDES (*para Tranião*)

O que é que tu estás para aí a dizer?

TRANIÃO

O que é que queres?

TEOPRÓPIDES (*apontando para o Agiota*)

Quem é esse aí? O que é que ele está a pedir? Porque é que está a insultar o meu filho Filólques e a fazer essa gritaria aí diante de ti? O que é que se lhe deve?

TRANIÃO

Peço-te, por Hércules, manda lançar dinheiro para a boca dessa besta devassa!

TEOPRÓPIDES

Que eu mande ...?!

TRANIÃO

Manda vergastar a boca desse indivíduo com dinheiro.

AGIOTA (*parecendo gostar da ideia*)

Eu suportó muito facilmente as pancadas com dinheiro.

TRANIÃO

Ouviste? Por Hércules, diz-me: ele não te parece ser um perfeito agiota, do tipo mais desonesto que há?



TEOPRÓPIDES

Eu não me preocupo com quem ele seja, ou donde é que vem, mas isto é que eu quero que tu me digas, isto é que eu quero saber: que dinheiro é esse?

TRANIÃO

É ... uma quantia irrisória que Filólaques lhe deve.

TEOPRÓPIDES

Quão irrisória?

TRANIÃO

Quase quarenta minas. Não penses que é muito.

TEOPRÓPIDES

Sim, de facto é pouco ... Há também a questão dos juros do dinheiro, segundo julgo ter ouvido.

TRANIÃO

Devem-se-lhe quarenta minas - capital e juros.

AGIOTA

É o justo. Não peço nada mais.

TRANIÃO (*para o Agiota*)

Por Hércules, queria mesmo ver-te reclamar mais uma moedinha. (*Dirigindo-se a Teoprópides*) Diz que hás-de pagar-lhe, para que ele se vá embora.

TEOPRÓPIDES

Eu vou dizer-lhe que hei-de pagar-lhe?!

TRANIÃO

Diz.

TEOPRÓPIDES

Eu?!

TRANIÃO (*tenta persuadir o seu amo*)

Tu próprio. Diz lá, ouve-me. Vamos, promete, estou a dizer-te. Sou eu que te recomendo!

TEOPRÓPIDES

Responde-me: o que é que se fez com o dinheiro?

TRANIÃO

Está a salvo.

TEOPRÓPIDES

Então, sal dai vós mesmos a conta, já que está a salvo.

TRANIÃO

O teu filho comprou uma casa.

TEOPRÓPIDES

Uma casa?

TRANIÃO

Uma casa.

TEOPRÓPIDES (*alegre e aliviado*)

Bravo, Filólaques! Sai ao pai! Já está a transformar-se num homem de negócios! (*Depois de reflectir um pouco*) Uma casa, dizes tu?

TRANIÃO

Uma casa, estou a dizer-te. Mas sabes que espécie de casa?

TEOPRÓPIDES

Como posso saber?

TRANIÃO

Ah!...

TEOPRÓPIDES

O que é?

TRANIÃO

Nem me perguntes.

TEOPRÓPIDES

Como assim?

TRANIÃO (*ironicamente*)

Brilhante como um espelho. Um puro resplendor!

TEOPRÓPIDES

Por Hércules, muito bem! Quanto pagou por ela?

TRANIÃO

Precisamente quantos talentos tu e eu temos. Mas deu, como penhor, estas quarenta minas. Pediu-as emprestadas a este (*Apointa para o prestamista*), para dar ao proprietário. Já estás a entender? É que, depois que esta casa (*referindo-se à 'casa assombrada' de Teoprópides*) ficou assim como te disse, ele comprou imediatamente uma outra habitação para si.

TEOPRÓPIDES

Muito bem, por Hércules!

AGIOTA

Eh lá! Já está a chegar-se o meio-dia!

TRANIÃO

Peço-te que pagues, para que ele não nos aborreça com o seu vômito.

TEOPRÓPIDES (*dirigindo-se ao Agiota*)

Rapaz, trata esse assunto comigo.

AGIOTA

É a ti que hei-de pedir?

TEOPRÓPIDES

Hás-de pedir, mas é amanhã.

AGIOTA

Vou-me embora. Se o levo amanhã, isso basta-me. (*Sai*)

TRANIÃO (*à parte*)

Que os deuses e deusas o desgraçam, de tal modo ele está a perturbar profundamente os meus planos! Por Pólux, não existe hoje raça mais asquerosa, entre os homens, nem mais injusta, do que a de agiota!

TEOPRÓPIDES

Em que zona é que o meu filho comprou essa casa?

TRANIÃO (*à parte*)

É agora que estou perdido!

TEOPRÓPIDES (*impaciente*)

Respondes-me àquilo que te pergunto?

TRANIÃO (*tentando ganhar tempo*)

Dir-te-ei, mas estou a ver se acho o nome do dono.

TEOPRÓPIDES

Vá lá, lembra-te!

TRANIÃO (*à parte, sem que Teoprópides o ouça*)

O que é que eu posso fazer agora, a não ser levá-lo para casa do vizinho e dizer que o filho comprou a casa dele? Por Hércules, ouvi dizer que a melhor mentira é a que está quente. Está decidido: direi tudo aquilo que os deuses me decretarem.

TEOPRÓPIDES

Então, já te lembraste?

TRANIÃO (*à parte*)

Que os deuses matem o outro - ou talvez seja melhor este. (*Para Teoprópides*) O teu filho comprou a casa do vizinho do lado.

TEOPRÓPIDES

Com todos os trâmites legais?

TRANIÃO

Se tu pagares o empréstimo, então foi tudo nos conformes da lei. Se não o pagares, então ele não a terá comprado legitimamente.

TEOPRÓPIDES (*orgulhoso do filho*)

Não deixou de comprar num excelente local.

TRANIÃO

Num óptimo local, sem dúvida.

TEOPRÓPIDES

Por Hércules, estou deseioso de ver esta casa! Bate à porta e chama alguém lá de dentro, Tranião.

TRANIÃO (*à parte*)

Ai, desta é que estou frito! Agora não sei o que dizer. As ondas estão a atirar-me novamente contra as pedras!

TEOPRÓPIDES

O que se passa agora?

TRANIÃO (*à parte*)

Por Hércules, não imagino o que hei-de fazer! Fui apanhado em flagrante.

TEOPRÓPIDES

Chama imediatamente alguém! Pede para me mostrar a casa.

TRANIÃO (*para Teoprópides*)

Eh, tu! (*Chamando a atenção para o interior da casa de Simão*)  
Estão aqui umas mulheres. É preciso primeiro ver se elas querem ou não.

TEOPRÓPIDES

Estás a falar acertadamente e com justiça. Vai. Informa-te e faz o pedido. Eu espero aqui à porta até que tu voltes. (*Tranião dirige-se para a entrada*)

TRANIÃO (*à parte*)

Que os deuses e deusas te fulminem desde as entranhas, seu velho, que me estás a estragar os planos! (*Vê o dono da casa vizi-nha a sair*) Bravo! Ótimo! Eis que está a sair o dono da casa em pessoa, o Simão. Vou retirar-me daqui, enquanto convoco, na minha cachimónia, o *Senado* das minhas decisões. Abordá-lo-ei quando achar um plano.

## CENA 2

SIMÃO

TRANIÃO

TEOPRÓPIDES

SIMÃO (*à porta da sua casa, em solilóquio*)

Melhor comida do que esta e que me tivesse agradado mais, ainda não tive este ano em minha casa. A minha mulher serviu-me um excelente almoço. Agora manda-me ir dormir. Não, de modo nenhum! Tive logo a impressão que não foi por acaso que ela me serviu uma refeição melhor do que é costume. A velha quis levar-me para o quarto. O sono não é bom logo a seguir ao almoço. Livra! Esquivei-me de casa às escondidas. A minha mulher, ao que sei, está lá dentro, toda irritada comigo.

TRANIÃO (*à parte, em tom premonitório, enquanto observa o vizinho*) De tarde a coisa deve ficar mal parada para este velho: ele deve ir jantar e dormir mal.

SIMÃO (*em solilóquio*)

Quanto mais penso para comigo, mais acho que se alguém se casou com uma mulher com dote e velha, não deseja o sono: nesse caso, todos odeiam ir dormir. Eu agora, por exemplo, estou decidido a seguir até ao fim: é melhor sair daqui para o fórum, do que estar a dormir em casa. (*Para o público*) Por Pólux, não sei quais são os costumes das vossas mulheres. Quanto a esta, eu sei quanto baste o quão mal ela me trata e que, depois disto, será ainda pior do que nunca para mim.

TRANIÃO (*à parte*)

Se essa tua escapadela vier a causar-te dissabores, meu velho, não terás nada que culpar nenhum dos deuses. Deves, com toda a justiça e merecimento, culpar-te a ti próprio. Agora é hora de eu ir falar com este velho. Já descobri como enganar o tipo e afastar para longe de mim o castigo, recorrendo ao dolo. Cá vou

eu! (*Vai ao encontro de Simão*) Que os deuses te sejam muitíssimo propícios, Simão!

SIMÃO

Saudinha, Tranião!

TRANIÃO

Como vais?

SIMÃO

Não vou mal. O que andas a fazer?

TRANIÃO (*interpretando à letra as palavras de Simão*)

Estou a cumprimentar um excelente homem.

SIMÃO

Estás a fazer um amigo, ao elogiares-me.

TRANIÃO

Tu bem o mereces!

SIMÃO (*pondo fim à adulação de Tranião*)

Por Hércules, eu cá estou sem sombra de dúvida a apertar a mão a um servo trapaceiro.

[TEOPRÓPIDES (*ainda à entrada da casa, já impaciente, gritando para Tranião*)

Então, seu malandro! Volta aqui!

TRANIÃO (*respondendo em voz alta*)

Vou já aí!]

SIMÃO (*para Tranião, suspeitando já de algo e apontando para a casa de Teoprópides*)

O que é agora? Quando é que ...

TRANIÃO ( *fingindo não compreender*)

... O quê ?

SIMÃO (*aponta para a casa de Teoprópides*)

Aquilo que costuma a acontecer ali dentro...

TRANIÃO (*continuando a fingir que não está a perceber*)

... O que é?

SIMÃO

Sabes bem do que estou a falar. Tens razão. ....

(*Simão parece assumir um tom moralista*) Demonstras benevolência. Pensa também em quão curta é a vida.

TRANIÃO

O quê?! (*Fingindo só agora ter compreendido*) Ah! Finalmente percebi que tu estás a falar sobre as nossas ... coisas.

SIMÃO

Por Hércules, vocês vivem uma vida de luxúria, como vos convém: com vinho, comida, com pescado de boa qualidade ... levam uma vida de eleição.

TRANIÃO

Pelo contrário! A vida costumava ser assim dantes. Agora acabaram-se-nos todas essas mordomias.

SIMÃO

Então como?

TRANIÃO

Na verdade, estamos todos perdidos, Simão.

SIMÃO

Não fales assim. Até ao momento correu-vos tudo às mil maravilhas.

TRANIÃO

Sim, não nego que estás a dizer a verdade. Nós realmente vivemos bem, a nosso bel-prazer. Mas agora, Simão, o vento favorável abandonou o nosso navio.

SIMÃO

O quê?! Então como é que foi isso?



TRANIÃO (*interpretando a pergunta de Simão 'à letra' e respondendo num tom lamentoso*)

Foi péssimo.

SIMÃO

Acaso ele não estava aportado em segurança, em terra?

TRANIÃO

Ai de mim!

SIMÃO

O que é?

TRANIÃO

Pobre de mim! Morri!

SIMÃO

De que modo?

TRANIÃO (*a expressar-se por meio de metáforas obscuras*)

É que chegou um navio que irá despedaçar o casco do nosso!

SIMÃO (*mostrando-se solidário para com Tranião, mas não tendo ainda compreendido o verdadeiro sentido das suas palavras*)

Faço votos para que tudo corra como desejas, Tranião. Mas qual é o problema?

TRANIÃO

Eu já te digo: o meu senhor chegou de viagem.

SIMÃO

Então \*\*\*\*\*, seguido dos ferros e depois \*\*\*\*\*<sup>65</sup>.

TRANIÃO (*ajoelhando-se*)

Suplico-te, \*\*\*\*\* aos teus joelhos, que não me denunciés ao meu amo!

SIMÃO

Da minha parte não temas, nada saberá.

---

<sup>65</sup> Depreende-se, nesta lacuna, uma enumeração de castigos.

TRANIÃO

Salve, meu patrono!

SIMÃO (*à parte*)

Não dou valor nenhum a este tipo de *clientes*.

TRANIÃO (*mudando radicalmente de assunto*)

Agora vamos àquilo pelo que o velho me mandou vir ter contigo.

SIMÃO

Mas responde-me primeiro ao que eu te pergunto: o teu amo já se apercebeu dessas coisas?

TRANIÃO

Nem por sombras!

SIMÃO

Já repreendeu o filho?

TRANIÃO

Ele está tão calmo, quanto o bom tempo costuma ser de sereno. Agora está a mandar-me pedir insistentemente a tua permissão para visitar a tua casa.

SIMÃO (*com ar surpreendido*)

Não está à venda.

TRANIÃO

Eu sei muito bem disso. Mas o velho quer construir um gineceu<sup>66</sup> ali na casa dele e também uns banhos, um passeio e um pórtico.

SIMÃO

Hem?! O que é que ele andou a sonhar?

---

<sup>66</sup> Proveniente do Grego grego γυναικῶν (cf. γυναικωνῖτις), o gineceu designava a parte da casa destinada às mulheres.

TRANIÃO

Eu vou dizer-te: ele quer casar o filho o quanto antes. Para tal, pretende fazer um novo gineceu. É que ele diz que um arquitecto meu (*des*)conhecido lhe elogiou a tua casa, que está deveras bem construída. Agora ele quer copiar o modelo, se tu não te importares. Na verdade, ele está a pedir tão insistentemente a planta da tua casa, porque ouviu dizer que tens uma óptima sombra no Verão, sob a cumeeira da casa, durante todo o dia, quando o céu está limpo.

SIMÃO

Antes pelo contrário, por Pólux! Quando há sombra por todo o lado, então aqui está sempre sol, desde manhã, até ao fim da tarde. Semelhante a um credor, está constantemente presente à porta de casa e eu não tenho sombra em lado nenhum, a não ser que haja alguma no poço.

TRANIÃO

O quê?! Não tens nenhuma zona que seja umbria?! Então será que tens alguma sarsinate<sup>67</sup>?

SIMÃO

Não sejas desagradável. As coisas são tal qual como estou a dizer-te.

TRANIÃO

Mas enfim, ele quer visitar a casa.

SIMÃO

Ele que visite, se isso lhe dá prazer. Se alguma coisa lhe agradar, ele que construa a partir deste meu modelo.

---

<sup>67</sup> Trata-se de um jogo de palavras. O termo *úmbria* pode referir-se quer uma zona sombria, quer à região itálica da Úmbria. *Sarsinate*, por seu turno, é a designação atribuída ao que é natural de Sársina, por sinal a terra natal de Plauto, também localizada na Úmbria. Vd. *supra*.

TRANIÃO

Então? Vou chamar o homem?

SIMÃO

Vai, chama.

TRANIÃO (*à parte*)

Diz-se que Alexandre Magno e Agátocles<sup>68</sup> levaram ambos a cabo feitos magníficos. O que irá acontecer-me a mim, o terceiro, que estou a alcançar, sozinho, façanhas dignas dos imortais? (*Apontando primeiro para Simão e depois para Teoprópides*) Este velho traz as suas albardas e aquele também traz as dele. (*Com ar de satisfação*) Já congeminei um novo plano bastante lucrativo. Com efeito, os alquiladores têm burros carregadores, mas eu tenho homens carregadores. Eles têm um grande estofo: o que quer que se lhes ponha em cima, eles carregam. (*Dirigindo-se para junto de Teoprópides*)

TRANIÃO (*à parte*)

Agora talvez vá falar ali com aquele. Vou ao seu encontro. (*Para Teoprópides*) Ei, Teoprópides!

TEOPRÓPIDES (*distraindo a olhar para a casa*)

Heim?! Quem me chama?

TRANIÃO

Um escravo de muitos modos fiel ao seu amo.

TEOPRÓPIDES

Donde é que estás a vir?

TRANIÃO

Daquilo para que me tinhas mandado. Está tudo pronto.

---

<sup>68</sup> Alexandre, o Magno (356-323 a.C.) destacou-se como grande conquistador de diversas áreas do Mundo Antigo. Agátocles (361-289 a.C.), por seu turno, empreendeu igualmente feitos de nomeada, em especial a expulsão dos Cartagineses que abusivamente ocupavam a Sicília.

TEOPRÓPIDES

Diz-me, por favor: porque é que demoraste ali tanto tempo?

TRANIÃO

O velho não estava disponível. Tive de esperar.

TEOPRÓPIDES

Manténs o teu antigo hábito de mandriar!

TRANIÃO

Se te apraz, pensa neste provérbio : '*não é fácil soprar e engolir ao mesmo tempo*'<sup>69</sup>. Eu não podia estar ao mesmo tempo aqui e ali.

TEOPRÓPIDES

E agora?

TRANIÃO

Olha, inspecciona o que quiseres.

TEOPRÓPIDES

Vamos, guia-me!

TRANIÃO

Acaso estou a deter-te?

TEOPRÓPIDES

Eu vou atrás de ti.

TRANIÃO (*avistando Simão*)

Eis o velho, em pessoa, a esperar-te diante da porta. Como está infeliz por ter vendido esta casa!

TEOPRÓPIDES

E depois?

TRANIÃO

Está a pedir-me que eu convença Filólaques a devolver-lha.

---

<sup>69</sup> O provérbio ilustra a impossibilidade de uma pessoa poder estar presente em dois lugares simultaneamente, com a inviabilidade de se inspirar e expirar ao mesmo tempo.

TEOPRÓPIDES (*parando por instantes*)

Não concordo. No campo, cada um faz a colheita por si. Se tivéssemos feito más compras, não nos seria lícito restituí-las. Tudo o que for lucro, convém trazer para casa. É importante que um homem se abstenha de ter misericórdia.

TRANIÃO

Por Hércules, quando te pões a dizer provérbios só nos atrasas. Segue-me!

TEOPRÓPIDES

Está bem. Estou à tua disposição.

TRANIÃO

Ali está o velho. (*Dirigindo-se a Simão*) Aqui tens, acabo de trazer-te o homem.

SIMÃO

Alegro-me que tenhas chegado são e salvo de viagem, Teoprópides!

TEOPRÓPIDES

Que os deuses se revelem favoráveis para contigo!

SIMÃO

Ele estava a dizer-me que tu querias visitar esta casa.

TEOPRÓPIDES

Se não te causar incómodo.

SIMÃO

Incómodo nenhum! Entra e vê à vontade.

TEOPRÓPIDES

Mas as mulheres ...

SIMÃO

Não faças caso de nenhuma mulher. Passeia o quanto te apeteça pela casa, *como se fosse* tua.

TEOPRÓPIDES

'Como se fosse' ... ?!

TRANIÃO (*em voz baixa, para Teoprópides, tentando emendar a afirmação de Simão*)

Ah, vê lá tu que com o desgosto não lhe passa pela cabeça que tu a compraste. Não vês como este velho tem um semblante triste?

TEOPRÓPIDES

Estou a ver.

TRANIÃO

Portanto, não te ponhas a zombar, nem a pular muito de alegria. E não menciones que a compraste.

TEOPRÓPIDES

Estou a perceber. Penso que é um bom conselho e acho que é humano. (*Dirigindo-se a Simão*) Então e agora?

SIMÃO

Entra e olha à vontade, como mais te agradar.

TEOPRÓPIDES

Julgo que tu estás a proceder correcta e amavelmente.

SIMÃO

Por Pólux! Estou às tuas ordens! [Queres alguém para te mostrar os cantos à casa?

TEOPRÓPIDES

Fora com esse guia! Eu não quero ser conduzido. Assim como assim, é melhor tomar um caminho errado do que ter alguém a guiar-me!]<sup>70</sup>

TRANIÃO (*para Teoprópides*)

Tu estás a ver o cariz deste vestíbulo, diante da casa, e deste passeio?!

---

<sup>70</sup> Versos idênticos aos vv. 845-846.

TEOPRÓPIDES

Por Pólux, é deveras magnífico!

TRANIÃO

Anda, olha as ombreiras das portas, como são feitas, com que firmeza estão construídas e com que consistência!

TEOPRÓPIDES

Acho que nunca vi ombreiras mais bonitas.

SIMÃO

Valha-me Pólux! Foram compradas há muito tempo por um bom preço.

TRANIÃO (*para Teoprópides, à parte*)

Ouviste como ele disse ‘*foram*’? Vê-se que mal pode conter as lágrimas.

TEOPRÓPIDES (*para Simão*)

Quanto pagaste por elas?

SIMÃO

Três minas pelas duas, fora o que dei pelo transporte.

TEOPRÓPIDES (*examinando minuciosamente as ombreiras*)

Por Hércules, são de muito menor qualidade do que inicialmente pensei.

TRANIÃO

Porquê?

TEOPRÓPIDES

Por Pólux! Porque a térmita<sup>71</sup> está a trincar as duas de cima a baixo.

TRANIÃO

Penso que foram talhadas fora do tempo. Esse defeito

---

<sup>71</sup> A *térmita* Tranião?...



prejudica-as. Mas, fora isso, estão bastante boas, se forem revestidas com pez. (*Fingindo estar a apreciar um detalhe da porta*) Com toda a certeza não foi um obreiro campónio, um bárbaro<sup>72</sup>, que fez este serviço. (*Para Teoprópides*) Estás a ver as juntas das portas?

TEOPRÓPIDES

Estou a ver.

TRANIÃO

Olha com que mestria ... *fecham os olhos*.

TEOPRÓPIDES

'*Fecham os olhos*'?!

TRANIÃO

Quis antes dizer - como '*fecham os ferrolhos*'. (*Afastando-se da porta e fazendo tentções de ir embora*) Já estás satisfeito?

TEOPRÓPIDES

Quanto mais olho para isto, mais me agrada.

TRANIÃO (*apontando para uma parede branca e introduzindo algumas metáforas no seu discurso, para se divertir às custas do velho*)

Estás a ver esta pintura, onde uma gralha<sup>73</sup> engana dois abutres?

TEOPRÓPIDES

Não, por Pólux, não estou a ver.

TRANIÃO

Mas eu vejo. Ora a gralha encontra-se entre os dois abutres e está a bicá-los alternadamente. Por favor, observa daqui, de junto de mim, para poderes visualizar a gralha. Já estás a ver?

TEOPRÓPIDES (*regressando para junto de Simão*)

Na verdade, não vejo nenhuma gralha ali.

---

<sup>72</sup> Por '*bárbaro*' entendia-se todo o '*não Romano*'.

<sup>73</sup> A gralha Tranião?...

TRANIÃO

Então olha em a frente, aí do vosso lado. Já que não vês nenhuma gralha, talvez consigas ver os abutres.

TEOPRÓPIDES (*depois de muito olhar para a parede*)

Não, e para acabar com a tua conversa, não estou a ver aqui a imagem de nenhuma ave.

TRANIÃO

Vá lá, eu desculpo-te! Já não digo mais nada: não vês por causa da idade.

TEOPRÓPIDES (*não se dando por vencido*)

De toda a maneira, aquilo que consigo ver agrada-me imenso.

SIMÃO

Acho que valia a pena ir andando.

TEOPRÓPIDES

Por Pólux, estás a dar um bom conselho.

SIMÃO (*para um escravo*)

Eh, rapaz! Guia este cavalheiro pela casa e pelas divisões. Eu mesmo conduzi-lo-ia, se não tivesse um assunto a tratar no fórum.

TEOPRÓPIDES

Fora com esse guia! Eu não quero ser conduzido! Assim como assim, é melhor tomar um caminho errado do que ter alguém a guiar-me!

SIMÃO

Eu estou a referir-me a alguém que te guie pela casa.

TEOPRÓPIDES

Pois eu entro bem sem guia.

SIMÃO

Faz favor ...

TEOPRÓPIDES

Então eu vou lá para dentro.

TRANIÃO

Espera, por favor, que eu vou tomar precauções para que o cão<sup>74</sup> não ...

TEOPRÓPIDES

Faz o que for preciso.

TRANIÃO

Xô! Vai-te embora, cão, Xô! Não te vais embora, maldito? Vai para o inferno! O quê, ainda estás aí? Psst! Vai-te daqui!

SIMÃO

Não há perigo. Vai! É tão dócil como se estivesse prenhe. Podes entrar à vontade! Eu cá vou ao fórum.

TEOPRÓPIDES (*para Simão*)

Foste muito amável. Tem um bom passeio. (*Dirigindo-se ao escravo*) Tranião, ainda que não haja nada a temer, faz com que esta cadela saia da porta.

TRANIÃO (*tentando demover Teoprópides dos seus intentos*)

Vá lá, olha como ela está deitada placidamente. A não ser que queiras parecer desagradável e indolente.

TEOPRÓPIDES

Pronto, como queiras. (*Continuando a visita*) Ora segue-me por aqui.

TRANIÃO

Com certeza. Não perderei o rasto dos teus pés. (*Vão para dentro de casa*)

---

<sup>74</sup> Cf. Sonnenschein 1906.

## ACTO IV

### CENA 1

#### FANISCO

FANISCO (*em solilóquio, enquanto procura pelo seu patrão*)

Os escravos que estão isentos de culpa temem o castigo. Esses costumam ser úteis aos patrões. Com efeito, aqueles que nada temem, depois que fizeram por merecer um castigo, recorrem a expedientes descabidos. Exercitam-se a si mesmos na corrida e fogem. Mas se forem apanhados fazem um pecúlio de maldades, porque não o podem fazer de boas acções. Eles acumulam aos poucos e vão-se esforçando por conseguir reunir um grande espólio. Quanto a mim, estou mesmo decidido a ter cuidado com as más acções, antes que o meu couro venha a pagar! O importante é que a minha pele continue como esteve sempre até aqui: intacta, e que eu consiga impedi-la de ser açoitada. Enquanto me souber governar, terei um bom tecto. Quando o castigo se precipitar sobre os outros, que não caia sobre mim. Na verdade, segundo a vontade dos escravos, assim costuma ser o patrão. Se são bons, o patrão é bom. Se eles são maus, ele torna-se mau. Veja-se agora, em nossa casa, quantos diabos moídos de pancada vivem do seu pródigo pecúlio! E quando são chamados para irem ter com o senhor: ‘- Não vou, não seja inconveniente’; ‘- Eu sei porque estás com pressa: vais a algum sítio. Por Hércules, sua mula, tu queres é ir ao pasto!’<sup>75</sup> (*Visivelmente aborrecido e sentindo-se injustiçado*) Eis a recompensa que recebi pela minha dedicação. Vim cá para fora. Agora, somente eu, de entre muitos

---

<sup>75</sup> Dito porventura proverbial. Cf. *Trin*, 1013.

escravos, vou ter com o meu amo. Amanhã, quando o meu senhor voltar, castigá-los-á, logo pela manhã, como se de peles de bois se tratasse. No fim de contas, importo-me menos com as costas deles do que com as minhas. Antes que eu me torne cordoeiro, eles serão vergastados como bois.

CENA 2

FANISCO            PINÁCIO

OUTRO SERVO/PINÁCIO (*avistando Fanisco e vindo ao seu encontro*)  
Espera, Fanisco! Pára aí! Então, olha lá!

FANISCO  
Não me aborreças!

PINÁCIO (*tentando alcançar Fanisco*)  
Vejam só como se faz rogado! Queres parar, ó seu *parasita* malvado?

FANISCO (*detendo-se por instantes*)  
Em que é que eu sou *parasita*?

PINÁCIO  
Ora então eu vou dizer-te: por comida, podem fazer de ti o que quiserem.

FANISCO  
Estou a tratar de mim: gosto de comer! O que é que tens a ver com isso?

PINÁCIO  
Fazes-te altivo, porque o senhor te tem em boas graças.

FANISCO (*esfregando os olhos*)  
Oh! Estão a doer-me os olhos.

PINÁCIO

Porquê?

FANISCO

Porque estes teus ares fazem-me mal.

PINÁCIO

Está calado, seu falsário, hábil na cunhagem de cunhagem de moedas em chumbo<sup>76</sup>!

FANISCO

Tu não podes forçar-me a ultrajar-te. O meu senhor conhece-me.

PINÁCIO

Por Pólux, resulta ser-se capacho!

FANISCO

Se tiveres bom senso, não estarás a ultrajar.

PINÁCIO

Então hei-de ter consideração por ti, quando tu não tens por mim?

FANISCO

Vem mas é comigo ao encontro dele, seu malvado! Por Hércules, peço-te, nem mais uma palavra sobre este assunto!

PINÁCIO

Está bem, vou bater à porta. Eh! Está aqui alguém que defenda esta porta de uma maior injúria? Há aqui alguém que abra esta porta? Não sai dali ninguém. É o que seria de esperar de indivíduos como estes, que não servem para nada. Porém, é preciso ser ainda mais cauteloso, não vá daqui sair alguém que me dê uma valente sova.

---

<sup>76</sup> I.e. 'de pouco valor'. Entenda-se 'hábil nas artes falsárias'.

CENA 3

TRANIÃO

TEOPRÓPIDES

TRANIÃO (*ainda na casa de Simão*)

O que achas da compra?

TEOPRÓPIDES

\*\*\*\*\* Estou inteiramente satisfeito.

TRANIÃO

Achas que foi demasiado cara?

TEOPRÓPIDES

Por Pólux, ao que me é dado saber, em nenhuma parte se viu alguma vez uma casa que tenha sido vendida a um preço tão baixo como esta aqui.

TRANIÃO

Então agrada-te?

TEOPRÓPIDES

Estás a perguntar-me se me agrada? Por Hércules, não somente me agrada, como me agrada muitíssimo!

TRANIÃO

E o gineceu, o que te parece? E o pórtico?

TEOPRÓPIDES

Muitíssimo bom. Estou praticamente certo de que não há nenhum pórtico público que seja maior do que este.

TRANIÃO

O quê?! Eu e Filólaques chegámos mesmo a medir todos os pórticos nos edifícios públicos.

TEOPRÓPIDES

E então?

TRANIÃO

É de longe o maior de todos.

TEOPRÓPIDES

Ó deuses imortais, que excelente compra! Por Hércules, se ele me pusesse agora à disposição seis talentos de prata em troca disto, eu não aceitaria.

TRANIÃO

Por Hércules, mesmo que pretendesses aceitar, eu não deixaria.

TEOPRÓPIDES

O nosso capital foi bem empregue, com esta compra.

TRANIÃO

Poder-se-á dizer que foi com o meu conselho e incitamento que isto se fez com audácia e também que fui eu que forcei Filólaques a pedir emprestado ao Agiota o dinheiro a juros, que entregámos ao outro tipo como sinal.

TEOPRÓPIDES

Cuidaste bem de todo o barco. Então devem-se oitenta minas a este indivíduo?

TRANIÃO

Nem mais uma moeda.

TEOPRÓPIDES

Então ele que as leve hoje.

TRANIÃO

Isso é bom, para que nada fique menos claro. Se quiseres dar-mas, eu entregar-lhas-ei mais tarde.

TEOPRÓPIDES

Mas se eu tas entregar, não ousarias passar-me a perna?

TRANIÃO

É eu acaso ousaria enganar-te, mesmo por brincadeira, com palavras ou actos?



TEOPRÓPIDES

E eu acaso ousaria não me precaver de ti ao confiar-te algo?

TRANIÃO

O quê?! Desde que me tornei propriedade tua, alguma vez te enganei?

TEOPRÓPIDES

Então tenho-me precavido bem. Sou um indivíduo esperto, se me precavejo de ti.

TRANIÃO (*à parte*)

Partilho da tua opinião!

TEOPRÓPIDES

Agora vai até ao campo e diz ao meu filho que eu cheguei.

TRANIÃO

Vou proceder tal qual me ordenas.

TEOPRÓPIDES

Corre e manda-o vir já contigo para a cidade.

TRANIÃO

Está bem! (*À parte*) Agora vou pela porta de trás para junto dos meus companheiros e contarei como as coisas estão calmas e como mantive este tipo longe daqui. (*Sai de cena*)

## CENA 4

FANISCO

PINÁCIO

TEOPRÓPIDES

*(Entretanto, à porta da verdadeira casa de Teoprópides)*

FANISCO

De facto, não estou a ouvir o ruído dos convivas, como dantes, nem a música da tocadora de flauta, nem nenhum outro som.

TEOPRÓPIDES *(Avistando os dois escravos)*

Que coisa é esta? O que é que procuram aqueles indivíduos junto da minha casa? O que é que querem? Porque estão eles a olhar lá para dentro?

PINÁCIO

Vou continuar a bater à porta de entrada. Ei, abre! Ei, Tranião, então não abres?

TEOPRÓPIDES *(à parte)*

Que história é esta?

PINÁCIO

Então não abres? Viemos ao encontro do nosso Calidamates.

TEOPRÓPIDES

Ei vocês, rapazes, o que é que estão a fazer aí? Porque é que estão a pôr a casa abaixo?

FANISCO

Eh, velho, por que motivo estás a perguntar-nos coisas que não te dizem respeito?

TEOPRÓPIDES

Não me dizem respeito?!

FANISCO

A não ser que te tornes no novo prefeito e passes a tratar, a questionar, a ver e a ouvir assuntos alheios.

TEOPRÓPIDES

Esta casa, onde vocês se encontram, é assunto meu.

FANISCO

O que é que estás a dizer? (*Dirigindo-se a Pinácio*) Será que Filólaques já vendeu a casa? Ou acaso este velho está a enganar-nos?

TEOPRÓPIDES

Estou a dizer a verdade. Mas que assunto é que tendes aqui a tratar?

FANISCO

Vou dizer-te : o nosso senhor está aqui a enfrascar-se.

TEOPRÓPIDES

O vosso senhor está a enfrascar-se aqui?!

FANISCO

É como te digo.

TEOPRÓPIDES

Ó rapaz, tu és muito engraçado!

FANISCO

Vimos ao seu encontro.

TEOPRÓPIDES

De quem?

FANISCO

Do nosso senhor. Ora faz favor, quantas vezes é necessário repetir-te?

TEOPRÓPIDES

Não mora aí ninguém, rapaz. (*Afastando-o da casa*) Na verdade, eu acho que tu até és um jovem honesto.

FANISCO

O jovem Filólaques não vive aqui nesta casa?

TEOPRÓPIDES

Viveu: com efeito, saiu desta casa já há muito tempo.

PINÁCIO (*à parte*)

O velho ficou mesmo abestalhado!

FANISCO

Estás redondamente enganado, *paizinho*. A verdade é que ele não saiu daqui, nem hoje, nem ontem. Eu sei, com toda a certeza que ele vive aqui.

TEOPRÓPIDES

Já há seis meses que ninguém mora aqui.

PINÁCIO

Estás a sonhar!

TEOPRÓPIDES

Eu?!

PINÁCIO

Tu, sim.

TEOPRÓPIDES

Não seas inconveniente! Deixa-me falar com o rapaz. (*Para Fanisco*) Não vive aqui ninguém.

FANISCO

De certeza que mora. Então ainda ontem e anteontem e há três, quatro, cinco, seis dias atrás ... desde que o pai dele viajou, nunca se passaram três dias seguidos sem que houvesse pândega ...

TEOPRÓPIDES

O que é que estás a dizer?!

FANISCO

Nunca, num espaço de três dias seguidos, se parou de comer; de beber; de passar um bom bocado com as meretrizes; de viver *à grega*; de desfrutar das tocadoras de lira e das flautistas.

TEOPRÓPIDES

Quem é que fazia essas coisas?

FANISCO

Filólaques.

TEOPRÓPIDES

Qual Filólaques?

FANISCO

Julgo que aquele cujo pai é Teoprópides.

TEOPRÓPIDES (*à parte*)

Ai de mim! Estou fulminado, se aquelas coisas que ele está para aí a contar são verdadeiras! Mas vou continuar a interrogá-lo. (*Para Fanisco*) Acaso estás a dizer que esse Filólaques, quem quer que ele seja, costuma andar para aí a embarcar, na companhia do vosso senhor?

FANISCO

Sim, é o que eu estou a dizer.

TEOPRÓPIDES

Ó rapaz, és mais estúpido do que pareces! Vê lá se não te desviaste do caminho para ires merendar aí a qualquer lugar e não te enfrascaste aí um bocadito a mais da conta.

FANISCO

O quê?

TEOPRÓPIDES

Por assim dizer, vê se não terás vindo ter, por engano, a uma outra casa.

FANISCO

Eu sei por onde tenho de ir e conheço o local para onde vim. Filólaques, aquele cujo pai é Teoprópides, mora aqui e depois que o velho foi tratar dos negócios, libertou a tocadora de flauta.

TEOPRÓPIDES

Então Filólaques ...?

FANISCO

Sim, a Filemácio.

TEOPRÓPIDES

Por quanto?

FANISCO

Por trinta ...

TEOPRÓPIDES

... talentos?

FANISCO

Não, por Apolo<sup>77</sup>!... minas.

TEOPRÓPIDES

Ele comprou a liberdade ...?

FANISCO

Sem dúvida! Libertou-a por trinta minas.

TEOPRÓPIDES

Tu estás a afirmar que Filólaques pagou trinta minas pela sua amada?

FANISCO

Confirmo.

TEOPRÓPIDES

E que a libertou?

FANISCO

Confirmo.

TEOPRÓPIDES

E que, depois que o pai dele foi daqui para o estrangeiro, ele andou a beber assiduamente, na companhia do teu senhor?

FANISCO

Confirmo.

TEOPRÓPIDES

O quê?! Então e ele comprou esta casa aqui vizinha?

FANISCO

Não confirmo.

TEOPRÓPIDES

E deu quarenta minas àquele tipo, como sinal?

---

<sup>77</sup> O juramento em questão é proferido em grego (μὰ τὸν Ἀπόλλω), tão assombrosa foi a quantia despendida.

FANISCO

Também não confirmo isso.

TEOPRÓPIDES

Ai, que estás a arruinar-me!

FANISCO

Ele é que de certeza arruinou o pai dele!

TEOPRÓPIDES

Estás a falar verdade!

FANISCO

Antes queria estar a dizer mentiras. (*Não reconhecendo Teoprópi-des*) Estou a ver que deves ser amigo do pai.

TEOPRÓPIDES

Ai, por Pólux, o pai de que tu falas é muito infeliz!

FANISCO

Mas isso não é nada - trinta minas, ao pé do tamanho dos outros gastos!

TEOPRÓPIDES

Arruinou o pai!

FANISCO

Existe lá um escravo que é o diabo - o Tranião. Ele é capaz de devorar o lucro de Hércules. Por Pólux, tenho pena do pai dele, quando souber dessas façanhas! O coraçãozinho desse infeliz vai ficar em brasa!

TEOPRÓPIDES (*Ainda esperançado*)

Se isso for realmente verdade ...

FANISCO

O que teria eu a ganhar em mentir-te a respeito disso?

PINÁCIO (*batendo de novo à porta*)

Ei, vocês! Há alguém que me abra esta porta?

FANISCO

Porque é que continuas a bater, quando não se encontra ninguém lá dentro? Acho que foram pandegar para outras paragens. Vamos embora ... *(Começam a afastar-se)*

TEOPRÓPIDES

Ó rapaz ...

FANISCO *(continuando a falar com Pinácio)*

...e continuemos a procurar. Segue-me por aqui!

PINÁCIO

Já estou a ir.

TEOPRÓPIDES *(voltando a insistir)*

Ó rapaz, então já vais?

FANISCO

Tu tens a liberdade de protegeres o teu pecúlio. Quanto a mim, além da crença e do zelo pelo meu senhor, não tenho nada que garanta o meu. *(Sai)*

## CENA 5

TEOPRÓPIDES

SIMÃO

TEOPRÓPIDES *(desorientado)*

Por Hércules, estou perdido! Palavras para quê? Pelo que tenho estado a ouvir, de certeza que não fui viajar apenas daqui para o Egipto, mas continuei a navegar rumo a terras desertas e a portos remotos. E como tal, já não sei onde estou agora. *(Vendo Simão de regresso a casa)* Mas vou já saber a verdade: ora, lá está precisamente aquele a quem o meu filho comprou a casa. *(Para Simão)* O que andas tu a fazer?



SIMÃO

Estou a vir do fórum para entrar em casa.

TEOPRÓPIDES

Acaso viste hoje algo de *novo*, lá para os lados do *fórum*?

SIMÃO (*interpretando à letra a pergunta de Teoprópides*)

Sim.

TEOPRÓPIDES (*ansioso*)

Então o quê?

SIMÃO

Vi um morto a ser enterrado.

TEOPRÓPIDES (*não compreendendo a resposta de Simão*)

Heim?! É uma novidade!

SIMÃO

Vi um defunto a ser levado para enterrar. Diziam que ainda há pouco estava vivo.

TEOPRÓPIDES

Que cabeça a tua!

SIMÃO

Porque é que tu, seu inútil, estás a perguntar-me por novidades?

TEOPRÓPIDES

Porque regressei hoje do estrangeiro.

SIMÃO (*pensando que teria de oferecer um jantar de boas vindas*)

Já tenho um compromisso para fora de casa. Não penses que vou convidar-te para jantar<sup>78</sup>.

TEOPRÓPIDES

Por Pólux, não é isso que eu pretendo!

---

<sup>78</sup> Alusão ao costume de receber alguém com um jantar de boas-vindas (*uiatica cena*).

SIMÃO

Na verdade, amanhã, a não ser que alguém me tenha convidado antes, poderei jantar na tua casa.

TEOPRÓPIDES

Por Pólux, não pretendo isso de forma nenhuma! (*Voltando ao assunto anterior*) Se não estás ocupado com nada mais importante, dá-me atenção!

SIMÃO

Sou todo ouvidos.

TEOPRÓPIDES

Aceitaste, segundo creio, quarenta minas da parte de Filólaques?

SIMÃO

Nem uma moeda, que eu saiba.

TEOPRÓPIDES

Então, do escravo Tranião?

SIMÃO

Muito menos, por Hércules!

TEOPRÓPIDES

Aquelas que ele te deu como sinal?

SIMÃO

Que estás para aí a delirar?

TEOPRÓPIDES

Eu?! Tu é que, ao fazeres-te despercebido, esperas conseguir assim desfazer o negócio.

SIMÃO

Que negócio?!

TEOPRÓPIDES

Enquanto eu estive ausente, o meu filho fez negócio contigo.

SIMÃO (*Confuso*)

Quando é que ele fez negócio comigo enquanto tu estavas fora

daqui? Qual negócio? Em que dia?

TEOPRÓPIDES

Estou a dever-te oitenta minas.

SIMÃO

A mim de certeza que não, por Hércules! (*Pensando melhor*) Bem, se estás a dever, então dá cá. É preciso manter o combinado. Não penses em negar.

TEOPRÓPIDES

Mas é claro! Não negarei que estou a dever-te e vou pagar-te. (*Entrega-lhe o dinheiro*) Tu, vê lá se não negas que recebeste quarenta minas da nossa parte.

SIMÃO

Por Pólux, olha para mim e responde-me: \*\*\*\*\*79?

TEOPRÓPIDES

Eu vou dizer-te: é precisamente \*\*\*\*\* o que ele te deve pela compra da casa.

SIMÃO

Ai é?! Ele comprou-me a casa?!

(**Lacuna**)

(*Falando a respeito de Tranião*) Ele dizia que tu querias casar o teu filho e que, por esse motivo, pretendias fazer umas obras aqui na tua casa.

TEOPRÓPIDES

Eu pretendia fazer aqui umas obras?

SIMÃO

Foi assim que ele me contou.

TEOPRÓPIDES (*com ar desolado*)

Ai de mim, estou perdido! Já me está a faltar a voz! Ó vizinho,

---

<sup>79</sup> Uma reconstrução possível, contemplada noutras edições, seria †*porque é que o teu filho, segundo tu dizes, estava a dever-me essas quarenta minas*†

eu estou arruinado! Estou acabado!

SIMÃO

Acaso Tranião fez alguma coisa para o torto?

TEOPRÓPIDES

Mais do que isso! Entortou tudo! Enganou-me hoje de uma maneira vergonhosa.

SIMÃO

O que é que tu estás a dizer?

TEOPRÓPIDES

É assim como te digo: ludibriou-me hoje para todo o sempre. Agora peço-te que me dês uma boa ajuda e que me prestes auxílio.

SIMÃO

O que é que pretendes?

TEOPRÓPIDES (*dirigindo-se para a casa de Simão*)

Anda, vem comigo, por favor.

SIMÃO

Está bem.

TEOPRÓPIDES

Cede-me os serviços de uns escravos e umas correias.

SIMÃO

Leva-os.

TEOPRÓPIDES

Vou contar-te então o sucedido, de que maneira ele hoje me enganou. (*Entram para o interior da casa de Simão*)

## ACTO V

### CENA 1

#### TRANIÃO

TRANIÃO (*para a assistência*)

Um indivíduo que se mostre receoso em situações críticas, ‘*não vale a ponta de um chavelho*’ - embora eu utilize esta expressão ‘*não vale a ponta de um chavelho*’, não sei o que significa. Ora, depois que o meu senhor me mandou até ao campo, para chamar o seu filho, eu saí às escondidas por ali, pela ruela, para o nosso jardim. Abri a porta do jardim que dá para a viela e, por ela, conduzi para o exterior toda a *legião*: homens e mulheres. Quando retirei os meus *soldados* do *cerco* para um lugar seguro, tomo a resolução de reunir o *senado* dos camaradas da farra. Depois que os convoquei, eles expulsam-me do *senado*. Assim que eu me apercebo que fui traído nos meus próprios domínios, passo a fazer, na medida do possível, o mesmo que muitos outros, para os quais a situação se mostra temerosa e confusa: continuam com embrulhadas sem fim, até mais não. Mas eu sei que agora não é possível manter nenhuma tramóia às escondidas do velho. Não há nenhum outro amigo ... \*\*\*\*\* Vou tomar a iniciativa, antecipar-me e concluir o nosso acordo. Estou a perder tempo. (*Ouvindo um ruído proveniente da casa de Simão*) Mas porque é que a porta da casa ao lado rangeu? De certeza que é o meu amo. Quero saborear a conversa dele. (*Esconde-se, enquanto Teoprópides e Simão, acompanhados por dois escravos, se aproximam*)

## CENA 2

TRANIÃO

TEOPRÓPIDES

OUTROS ESCRAVOS

TEOPRÓPIDES (*para os escravos*)

Deixem-se ficar aqui atrás da porta, de modo a que, quando vos chamar, apareçam imediatamente. Coloquem-lhe logo os grilhões. Eu vou esperar à porta da casa o meu trapaceiro, cujo couro, seja eu vivo, hei-de hoje trapacear muito bem.

TRANIÃO (*à parte*)

A tramóia está descoberta! Agora é melhor ficar a ver o que tu fazes, Teoprópides.

TEOPRÓPIDES (*para consigo*)

Tenho de cativá-lo com habilidade e astúcia, assim que ele chegar aqui. Eu não hei-de mostrar-lhe logo o anzol. Vou lançar a linha de mansinho. Vou fazer de conta que não sei de nada.

TRANIÃO (*à parte*)

Ó que desgraça humana! Nenhum outro, em Atenas, poderia falar com mais engenho do que este tipo. (*Com ironia*) Actualmente ninguém consegue enganá-lo mais do que a um calhau. (*Saindo do esconderijo*) Vou acercar-me do indivíduo e dirigir-lhe a palavra.

TEOPRÓPIDES

Agora estou desejoso de que ele chegue aqui.

TRANIÃO

Por Pólux, se por acaso estás à minha procura, eu já estou aqui diante de ti.

TEOPRÓPIDES

Muito bem, Tranião! O que se passa?

TRANIÃO

Os rústicos estão a chegar do campo. Filólaques já vem aí.

TEOPRÓPIDES

Chegará em boa hora, por Pólux! Acho que este nosso vizinho é um indivíduo desavergonhado e vil.

TRANIÃO

Então porquê?

TEOPRÓPIDES

Porque nega conhecer-vos.

TRANIÃO

Nega?!

TEOPRÓPIDES

E também que vocês lhe tivessem dado algum dinheiro.

TRANIÃO

Vá lá, então! Tenho a impressão de que estás a brincar comigo! Ele não nega.

TEOPRÓPIDES

E então?

TRANIÃO

Acho que tu agora estás a gozar. Por Pólux, ele de certeza que não nega.

TEOPRÓPIDES

Pois, por Pólux, ele nega categoricamente que tenha vendido esta casa a Filólaques.

TRANIÃO

Eh lá! Diz-me, acaso ele negou que lhe deram dinheiro?

TEOPRÓPIDES

Ele próprio ofereceu-se para jurar, se eu quisesse, que ele não tinha vendido esta casa e que não lhe foi dado nenhum dinheiro.

(Lacuna) \*\*\*\*\*

Foi precisamente isso que eu lhe disse.

TRANIÃO

O que é que ele respondeu?

TEOPRÓPIDES

Ofereceu-se para pôr-me à disposição todos os seus escravos para um interrogatório.

TRANIÃO

Que estupidez! Por Pólux, ele nunca os porá à disposição.

TEOPRÓPIDES

Ai isso é que põe.

TRANIÃO

\*\*\*\*\*

TEOPRÓPIDES

Acho que vou comprovar.

TRANIÃO

Acho?! É um dado adquirido! Deixa-me cá ver o homem! Ou então manda requerer o direito de propriedade da casa ao indivíduo.

TEOPRÓPIDES (*tentando deter o escravo Tranião*)

Nem pensar! Primeiramente quero interrogar os escravos!

TRANIÃO

Por Pólux, também acho que deve fazer-se isso. Eu, entretanto, apossar-me-ei do altar.

TEOPRÓPIDES

Para quê?

TRANIÃO

Não percebes mesmo nada! É para que aqueles que te foram cedidos para o interrogatório não possam refugiar-se aqui. Eu vou presidir, para que o interrogatório não vá por água abaixo. (*Senta-se no altar*)

TEOPRÓPIDES

Levanta-te!



TRANIÃO

Nem pensar!

TEOPRÓPIDES

Não estejas a ocupar o altar, se faz favor!

TRANIÃO

Por que razão?

TEOPRÓPIDES

Já vais saber: porque, na verdade eu quero mesmo que eles se refugiem aí. Deixa! Ser-me-á mais fácil condená-lo no tribunal, pelo dinheiro.

TRANIÃO

Faz o que entenderes<sup>80</sup>. Porque é que queres criar problemas? Não sabes que coisa medonha é recorrer à Justiça.

TEOPRÓPIDES

Levanta-te daí! Quero pedir-te um conselho relativamente a um determinado assunto.

TRANIÃO

Dar-te-ei um conselho, mas daqui. Tenho mais discernimento quando estou sentado. Para além disso, os conselhos são mais firmes, vindos de locais divinos.

TEOPRÓPIDES

Levanta-te, deixa-te de brincadeiras! Olha para mim.

TRANIÃO

Já olhei.

TEOPRÓPIDES

Vês?

TRANIÃO

Vejo. Se um terceiro intervier, morrerá de fome.

---

<sup>80</sup> A versão de *quod agas id agas*, i.e., “segue o teu propósito”, aponta para o processo de inquirição dos escravos.

TEOPRÓPIDES

Porquê?

TRANIÃO

Porque não ganhará nada para si. Por Hércules, somos ambos de má rês.

TEOPRÓPIDES

Estou perdido!

TRANIÃO

O que tens?

TEOPRÓPIDES

Tu enganaste-me.

TRANIÃO

Então como?

TEOPRÓPIDES

Deixaste-me limpo de todo!

TRANIÃO

Olha lá , não foi um bom serviço? Acaso está a cair-te alguma sujidade?

TEOPRÓPIDES

Não. Tu limpaste-me também todo o cérebro da cabeça. Na verdade, eu descobri todas as vossas malfeitorias a fundo - por Hércules, e não apenas a fundo, mas muito profundamente!

TRANIÃO

Por Pólux, hoje \*\*\*\*\*

TEOPRÓPIDES

Vou mandar-te já rodear de fogo e de sarmentos, seu carrasco!

TRANIÃO

Não faças isso! Olha que eu costumo ser mais saboroso cozido do que assado.

TEOPRÓPIDES

Por Pólux, vou fazer de ti um exemplo!

TRANIÃO

É porque te agrado que vais tomar-me como exemplo?

TEOPRÓPIDES

Desembucha: como é que deixei o meu filho quando me fui embora daqui?

TRANIÃO (*dando uma resposta 'à letra'*)

Com pés, mãos, dedos, orelhas, olhos, lábios...

TEOPRÓPIDES

Estou a perguntar-te outra coisa.

TRANIÃO

E eu agora estou a responder-te outra coisa. (*Vendo Calidamates a aproximar-se*) Mas eis que estou a ver a aproximar-se daqui o amigo do teu filho, Calidamates. Trata do que queres resolver comigo, na presença dele.

### CENA 3

CALIDAMATES

TEOPRÓPIDES

TRANIÃO

CALIDAMATES (*para a assistência*)

Depois que tirei uma soneca e curei a carraspana toda durante o sono, Filólaques veio ter comigo e contou-me que o seu pai tinha regressado do estrangeiro e como, à sua chegada, o escravo o tinha enganado. Diz que tem medo de aparecer à vista do seu pai. E agora, de entre a sua camaradagem, fui escolhido como único orador e irei estabelecer a paz com o pai dele. (*Vendo*

*Teoprópides*) Ah! Ei-lo ali precisamente! Dou-te os bons-dias! Alegro-me de que tenhas chegado bem e de boa saúde, do estrangeiro. Hoje vais jantar aqui connosco. Aceita!

TEOPRÓPIDES

Calidamates, que os deuses te favoreçam! (*Negando o convite com a cabeça*) De qualquer modo, agradeço o jantar.

CALIDAMATES

Porque não vens?

TRANIÃO

Aceita! Se tu não quiseres, eu vou por ti.

TEOPRÓPIDES

Patife! Ainda estás a zombar?

TRANIÃO

Só porque estou a pensar em ir ao jantar na tua vez?

TEOPRÓPIDES

Não vais, não! Eu irei fixar-te com ferros à cruz, como fizeste por merecer.

CALIDAMATES

Vá lá, deixa isso e quanto a jantar na minha casa ...

TRANIÃO (*para Teoprópides*)

Diz que vais! Porque te calas?

CALIDAMATES (*para Tranião*)

E tu, porque foste refugiar-te no altar?

TRANIÃO

Tu não estás a par de nada. Esse recém-chegado aterrorizou-me. (*Para Teoprópides*) Conta então o que eu *tere* feito. Agora que já está presente um árbitro, anda, argumenta a questão.

TEOPRÓPIDES

Eu afirmo que corrompeste o meu filho.

TRANIÃO

Ouve: reconheço que ele agiu mal, ao ter libertado a amada na tua ausência; ao ter pedido dinheiro emprestado a juros, dinheiro esse que, ao que julgo, já foi gasto. Acaso ele fez algo que os filhos das grandes famílias não façam?

TEOPRÓPIDES

Por Hércules, devo pôr-me a pau contigo! És um orador demasiado hábil.

CALIDAMATES *(para Teoprópides)*

Deixa que seja eu a julgar isto. *(Dirigindo-se a Tranião)* Levantate! Eu vou sentar-me aí.

TEOPRÓPIDES

Muito bem, toma conta deste litígio.

TRANIÃO

Mas isto é uma armadilha! *(Para Calidamates)* Faz com que eu não fique com nada para temer e com que fiques tu, no meu lugar.

TEOPRÓPIDES

Todas as outras coisas me parecem já menores, face à maneira como ele me enganou.

TRANIÃO

Por Hércules, foi bem feito e estou contente de ter procedido assim. Convém que aqueles que têm a cabeleira branca possuam algum senso nessa idade.

TEOPRÓPIDES

O que hei-de fazer agora?

TRANIÃO

Se és amigo de Dífilo ou de Filémon<sup>81</sup>, contar-lhes-ás com que artimanha o teu escravo te passou a perna. Estarás a dar óptimas tramóias para as comédias.

---

<sup>81</sup> Cf. Introdução.

CALIDAMATES (*para Tranião*)

Cala-te por um momento! Deixa-me falar na minha vez.  
(*Dirigindo-se a Teoprópides*) Escuta.

TEOPRÓPIDES

Estás no teu direito.

CALIDAMATES

Em primeiro lugar, tu sabes que eu sou amigo do teu filho. Ele veio até mim, visto que não ousa aparecer à tua frente, porque sabe que tu já tens conhecimento do que ele fez. Agora peço-te que perdoes a sua burrice e a sua juventude: é teu filho. Tu sabes que costuma ser aquela a idade de fazer essas brincadeiras. O que quer que ele tenha feito, fê-lo na nossa companhia: nós errámos. O dinheiro, o capital, todas as coisas para que a amada fosse comprada, tudo isso nós iremos devolver, a nosso custo, não com o teu.

TEOPRÓPIDES

Não me podia ter aparecido um orador mais persuasivo do que tu. Já nem sequer estou irritado, nem zangado. Que a minha presença não o impeça de amar, de beber e de fazer o que queira! Desde que ele tenha honradez e pague a despesa, dou-me por satisfeito.

CALIDAMATES

Sim, ele é honrado.

TRANIÃO

Depois deste perdão, o que será de mim agora?

TEOPRÓPIDES

Vais ser dependurado e hás-de morrer com chicotadas, seu lixo!

TRANIÃO

Mesmo que eu também tenha honradez?

TEOPRÓPIDES

Por Hércules, se eu continuar vivo, hei-de matar-te!

CALIDAMATES

Dá o perdão total! Deixa escapar o Tranião, desta vez. Fá-lo por mim, peço-te.

TEOPRÓPIDES

Pede-me outra coisa, não importa o quê - obtê-la-ás com maior facilidade do que convenceres-me a renunciar a matar este malvado, como paga pelas suas perversidades!

CALIDAMATES

Deixa-o ir, por favor!

TEOPRÓPIDES (*vendo os gestos de gozo de Tranião*)

\*\*\*\* Deixá-lo ir?! Estás a ver a pose que tem esse patife?

CALIDAMATES

Tranião, fazias melhor se ficasses sossegadinho!

TEOPRÓPIDES

Fica mas é tu sossegadinho com os pedidos, que eu vou fazê-lo ficar sossegadinho com umas chicotadas.

TRANIÃO

De certeza que não é preciso!

CALIDAMATES

Anda lá, deixa passar, desta vez! Cede ao meu pedido!

TEOPRÓPIDES

Não quero que peças isso.

CALIDAMATES

Peço-te por Hércules.

TEOPRÓPIDES

Não quero que me peças, estou a dizer-te!

CALIDAMATES

É em vão que me pedes para não o fazer. Perdoa-o por esta falta, apenas por esta falta, peço-te! Faz isso por mim!

TRANIÃO

Porque é que estás a dificultar as coisas? Como se amanhã eu não cometesse outra falta! Então, tu poderias vingar-te por uma e por outra.

CALIDAMATES

Cede ao meu pedido!

TEOPRÓPIDES (*para Tranião*)

Anda, vai, vai lá impunemente! (*Apontando para Calidamates*) É a este que deves agradecer.

Espectadores, a peça acabou de ser representada. Venham daí os vossos aplausos!



## BIBLIOGRAFIA

- Anderson, G. (2006), *Greek and Roman Folklore: A Handbook*, Westport, Greenwood Publishing Group.
- Banti, L. (1930), “Una scena della *Mostellaria*”, *SIFC* 8: 67-82.
- Barton, I. (1972), “Tranio’s Laconian Key”, *GeR* 19.1: 25-31.
- Braun, L. (1999), “Phormio und Epidikazomenos. Mit einem Anhang zu *Mostellaria* und *Phasma*”, *Hermes* 127.1: 33-46.
- Buck, C. (1940), *A Chronology of the Plays of Plautus*, Diss., Baltimore, Johns Hopkins University.
- Burkert, W. (1960), “Platon oder Pythagoras? Zum Ursprung des Wortes ‘Philosophie’”, *Hermes* 88:159-77.
- Chelius, K. (1989), *Die Codices minores des Plautus*, Baden-Baden, Verlag Valentin.
- Collart, J. (1970), *T. Maccius Plautus, Mostellaria. La farce du fantôme. Introd. et commentaire*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Csapo, E. (1989), “Plautine Elements in the Running-slave Entrance Monologues?”, *CQ* 39: 148–163.
- Damon, C. (1997), *The Mask of the Parasite. A Pathology of Roman Patronage*, Ann Arbor, University of Michigan.
- Della Corte, F. (1952), “La commedia della fantasma”, *Dioniso* 15: 49-55.
- (1975), “Maschere e personaggi in Plauto”, *Dioniso* 46: 163–193.
- Dodds, E. (1951), *The Greeks and the Irrational*, Berkeley, University of California Press.

- (1973), “Supernatural Phenomena in Classical Antiquity”, in *The Ancient Concept of Progress and other Essays on. Greek Literature and Belief*, Oxford, Clarendon Press: 156-210.
- Duckworth, G. (1952), *The Nature of Roman Comedy: A Study in Popular Entertainment*, Princeton, Princeton University Press.
- Fay, E. (1903), “Further Notes on the *Mostellaria* of Plautus”, *AJPh* 24.3: 245-277.
- Felton, D. (1999), “Folkloric Anomalies in a Scene from the *Mostellaria*”, *QUCC* 62: 123-142.
- (2010), *Haunted Greece and Rome: Ghost Stories from Classical Antiquity*, Austin, University of Texas Press.
- Fontaine, M. — Scafuro, A. (2014), *The Oxford Handbook of Greek and Roman Comedy*, Oxford, Oxford University Press.
- Fontaine, M. (2010), *Funny Words in Plautine Comedy*, Oxford, Oxford University Press.
- Fortson, B. (2008), *Language and Rhythm in Plautus: Synchronic and Diachronic Studies*, Berlin/New York, Walter de Gruyter.
- Fraenkel, E. (2007), *Plautine Elements in Plautus*, Oxford, Oxford University Press.
- Fuchs, H. (1944), “Zur Putzszenen der *Mostellaria*”, *Hermes* 79.3/4: 127-148.
- (1949), “Zu zwei Szenen der *Mostellaria*”, *MH*: 105-126.
- Gallop, D. (1975), *Plato. Phaedo*, Oxford, Oxford University Press.
- Granarolo, J. (1990), “Le concept de ‘miséricorde’ chez Plaute, Térence, Catulle”, in Biraud, M. (ed.), *Hommage à René Braun, I: De la préhistoire à Virgile: philologie, littératures et histoires anciennes*, Paris, Les Belles Lettres: 229-243.

- Grant, J. (1974), "Plautus, *Mostellaria* 301", *CR* 24.2: 182-183.
- Grimal, P. (1976), "La Maison de Simon et celle de Théopropidès", in Heurgon, J., *L'Italie Préromaine et la Rome Républicaine: mélanges offerts à Jacques Heurgon*, Paris, de Boccard: 371-386.
- Gulick, C. B. (1896), "Omens and Augury in Plautus", *HSPh* 7: 235-247.
- Hickman, R. (1938), *Ghostly Etiquette on the Classical Stage*, Iowa, The Torch Press.
- Jäkel, S. (1988), "Semantische Strukturen in der *Mostellaria* des Plautus", *Eos* 76: 47-63.
- Knapp, C. (1906), "Notes on the *Mostellaria* of Plautus", *CR* 20.8: 395-397.
- Knorr, M. (1934), *Das griechische Vorbild der 'Mostellaria' des Plautus*, Coburg, A. Rossteutscher.
- (2010), "Plautus *Mostellaria* 213: Another anus ebria?", *Mnemosyne* 63: 450-453.
- Krauss, F. (1930), *An Interpretation of the Omens, Portents, and Prodigies Accorded by Livy, Tacitus, and Suetonius*, Philadelphia, University of Pennsylvania.
- Leach, E. (1969), "De Exemplo meo Ipse Aedificato: An Organizing Idea in the *Mostellaria*", *Hermes* 97.3: 318-332.
- Lindsay, W. (1896), *The Palatine text of Plautus*, Oxford, Parker.
- Lindsay, W. – Sonnenschein, E. (1899), "The Codex Turnebi of Plautus and the Bodleian Marginalia", *CR* 13.5: 254-265.
- Lowe, J. (1985), "Cooks in Plautus", *CLAnt* 4.1: 72-102.
- (1985), "Plautine Innovations in *Mostellaria* 529-857", *Phoenix* 39.1: 6-26.

- (1989), “Plautus’ Parasites and the Atellana”, in *Vogt-Spira, G., Studien zur vorliterarischen Periode im frühen Rom*, Tübingen, Gunter Narr: 161-169.
- Luck, G. (2006), *Arcana Mundi: Magic and the Occult in the Greek and Roman Worlds: A Collection of Ancient Texts*, Baltimore/London, JHU Press.
- Mariotti, I. (1992), “La prima scena della *Mostellaria* di Plauto”, *MH* 39: 105-123.
- Milnor, K. (2002), “Playing House: Stage, Space, and Domesticity in Plautus’s *Mostellaria*”, *Helios* 29: 3-26.
- Nichols, M. (2010), “Contemporary perspectives on luxury building in second-century BC Rome”, *PBSR* 78:39-61.
- O’Byrhim, S. (2010), *Greek and Roman Comedy: Translations and Interpretations of Four Representative Plays*, Austin, University of Texas Press.
- Philippides, K. (1999), *Contrasting houses, contrasting values: an interpretation of Plautus’ Mostellaria based on mirror scenes*, in Zimmermann, B. (org.), *Griechisch-römische Komödie und Tragödie III*, Stuttgart and Weimar, J. B. Metzler: 67-112.
- Potter, J. — Dunbar, G. — Anthon, C. (1824), *Archaeologia graeca, or The antiquities of Greece*, Cambridge, Harvard University Press.
- Ramsay, W. (1869), *The Mostellaria of Plautus. With notes critical and explanatory. Prolegomena and excursus*, London, Macmillan.
- Renouard, A.-A. (1819), *Belles-lettres: Catalogue de la Bibliothèque d’un Amateur*, 2, Paris, de l’Imprimerie de Crapelet.
- Ritschl, F. (1845), *Parerga zu Plautus und Terenz*, Leipzig, Weidmann.
- Schutter, K. (1955), “De *Mostellariae actae tempore*”, in Enk, P. — de Jonge, P. (ed.), *Vt pictura poesis*. FS P. J. Enk, Leiden,

- J. Enk: 174-183.
- (1952), *Quibus annis comoediae Plautinae primum actae sint quaeritur*, Groningen, De Waal.
- Sedgwick, W. (1949), "Plautine Chronology", *AJPh* 70.4: 376-383.
- Sonnenschein, E. (1906), "The Dog of the *Mostellaria*", *CR* 20.9: 440.
- (1907), *T. Macci Plauti Mostellaria, edited with notes explanatory and critical*, Oxford, Clarendon Press.
- Stace, C. (1968), "The Slaves of Plautus", *G&R* 15.1: 64-77.
- Stärk, E. (1991), "*Mostellaria* oder *Turbare* statt *sedare*", in Lefèvre, E. (org.), *Plautus barbatus. Sechs Kapitel zur Originalität des Plautus*, Tübingen, Gunter Narr Verlag: 107-140.
- Stewart, R. (2012), *Plautus and Roman Slavery*, Malden, John Wiley & Sons.
- Strong, H. (1889), "Plautina, *Mostellaria* iii. 2, Line 803 sqq", *CR* 3.1/2: 75.
- (1906), "Note on Plautus' *Mostellaria*. Act III, Scene II", *AJPh* 27.1: 67-69.
- Sturtevant, E. (1927), "Notes on Plautus's *Mostellaria*", *AJPh* 48.4: 344-349.
- Sutton, D. (1993), *Ancient comedy: the war of the generations*, New York, Twayne Publishers.
- Terzaghi, N. (1929), *T. Maccio Plauto, La Mostellaria. Introduzione, testo critico e commento*, Turin/Mailand/Florenz/Rom/Neapel/Palermo, Paravia.
- Uždavinys, A. (2004), *The golden chain: an anthology of Pythagorean and Platonic philosophy*, Bloomington, World Wisdom, Inc..

- Wallach, B. (1979), "Deiphilus or Polydorus? The Ghost in Pacuvius' *Iliona*", *Mnemosyne* 32.1/2: 138-160.
- Weide, I. (1961), "Der Aufbau der *Mostellaria* des Plautus", *Hermes* 89.2: 191-207.
- Ziegler, N. (1982), *Dreams in Plautine Comedy*, Chapel Hill, University of North Carolina.

## ÍNDICE TEMÁTICO

(noções, topónimos, antropónimos citados ao longo do texto)

- abutre – 95-96
- Agátocles – 26, 90, 90 n. 68
- agiota (vd. ‘*usurário*’) – 19, 30-31, 72-81, 102
- ágora – 17
- Alexandre, o Magno – 26, 90, 90 n. 68
- algoz – 35
- alho – 34
- alquilador – 90
- altar – 17, 19, 19 n. 15, 118-119, 122
- alvaiade – 47, 47 n. 46, 48
- amanhã – 35, 81, 99, 112, 126
- amigo – 5, 18, 31, 38 n. 37, 51, 54, 85, 109, 115, 121, 123-124
- amo (vd. ‘*senhor*’) – 18, 26, 28, 55, 64, 74, 87-88, 90, 99, 115
- Amor – 40
- amor – 5, 22, 34, 38, 41, 51, 53
- ano – 13, 15, 17, 23, 36, 38 n. 37, 39, 63, 68-69, 72, 84
- anzol – 116
- Apolo – 108, 108 n. 77
- arma(s) – 39, 51, 59
- arquitecto – 37, 89
- assombração (vd. ‘*fantasma*’) – 18
- Atenas – 17-18, 30, 33 n. 35, 116
- Ática – 34
- ave – 34, 96
- banho(s) – 39, 88
- bárbaro – 95, 95 n. 72
- bêbado (vd. ‘*ébrio*’) – 52
- beber – 33-36, 45, 52, 54, 58, 60, 106, 108, 124
- bode – 34
- boi – 99
- bola – 39
- braço – 55
- branco – 48, 48 n. 48
- cabelo – 39, 43-44, 47
- campo – 17-18, 23, 25-26, 32-33, 33 n. 34, 34-35, 92, 95, 103, 115-116
- cão – 97, 97 n. 74
- capital – 31, 74, 76, 76 n. 64, 77-79, 102, 124
- carrasco – 35, 120
- casa (vd. ‘*habitação*’) – 5, 11, 17-18, 18 n. 13, 19-21, 23, 31-32, 36-38, 40, 42, 45, 49-50, 52-53, 56, 58, 60-70, 72, 75-77, 80-85, 88, 88 n. 66, 89-93, 96-98, 101, 104-105, 107-108, 110-118, 122
- Castor – 39, 42, 45, 49
- cavalo – 39
- chave – 61, 61 n. 53, 62
- chicotada – 124-125

- chuva – 37-38  
 cidade – 17-18, 23, 25, 77, 103  
 cinco – 23, 106  
 colheita – 39, 39 n. 39, 40 n. 41, 92  
 comida – 33, 35, 45, 73, 73 n. 62, 84, 86, 99, 106, 111, 111 n. 78, 112  
 conselho – 20, 42, 44, 93, 96, 102, 119  
 construtor – 38  
 corrida – 39, 98  
 cortesã (vd. ‘meretriz’) – 27, 42, 42 n. 43, 49  
 cozinha – 32, 32 n. 31  
 crime – 18, 65, 67, 67 n. 57  
 Cupido – 40  
 dado – 51  
 dardo – 74  
 dedo – 60, 121  
 Demófilo – 13  
 deus – 19, 26, 36, 40, 42-44, 54, 66, 69 n. 58, 70-71, 74, 81-85, 92, 102, 122  
 dez – 45, 50, 55  
 dia – 16, 33, 45, 63-64, 68, 72, 75-76, 81, 89, 106, 113  
 Dífilo – 13, 123  
 dinheiro – 5, 24, 28, 31, 37, 44, 46, 48, 48 n. 49, 51, 55, 72, 74, 76-80, 102, 113, 117, 119, 123-124  
 disco – 39  
 dormir – 54, 57, 59, 84  
 ébrio (vd. ‘bêbado’) – 18, 54  
 Egípto – 63, 110  
 engano – 5, 22, 107, 114, 123  
 escravo (vd. ‘servo’) – 5, 18-20, 23, 25-28, 30, 32, 33 n.34, 37, 40 n.41, 46 n. 45, 51-52, 54-56, 59-60, 62-64, 66, 68, 74, 90, 96-99, 104, 109, 112, 114-116, 118, 119 n. 80, 121, 123  
 espectador – 17, 17 n.12, 20, 23, 126  
 espelho – 46, 47 n. 45, 48, 80  
 fantasma – 11, 13, 16, 18, 20-24, 26, 28, 31, 70  
 ferro – 33, 33 n. 34, 55, 87, 122  
 ferrolho – 95  
 festa – 5, 18  
 Filémon – 13, 16, 123, 123 n. 81  
 filho – 17-19, 27, 31, 33, 36, 38, 55, 68, 78, 80, 82, 88, 89, 103, 110, 112-113, 113 n. 79, 115, 121, 122-124  
 fome – 42, 119  
 forragem – 35  
 fórum – 17, 28, 72, 84, 96-97, 111  
 frio – 42  
 gado – 34-35  
 ginástica – 39  
 gineceu – 88, 88 n.66, 89, 101  
 gralha – 95, 95 n. 73, 96  
 Grécia – 17  
 habitação (vd. ‘casa’) – 18, 31, 37, 69, 81  
 Hércules – 36, 43-45, 59, 65-66, 69, 71, 71 n. 60, 71 n. 61, 73, 75-76, 78-79, 81-83, 85-86, 92, 94, 98, 100-102, 109-110, 112-113, 120, 123-125



- homem – 37, 40 n. 41, 42, 53-55, 62, 64, 72, 74, 80, 85, 90, 92, 118
- hóspede – 18, 67-69, 73
- jantar – 68, 84, 111, 111 n. 78, 112, 122
- jovem – 5, 17-18, 20-21, 27, 30, 33-34, 36, 40 n. 39, 40 n. 41, 105
- Júpiter – 34, 42, 46, 55, 61
- juro – 19, 31, 74-76, 76 n. 64, 77-79, 102, 123
- justiça – 22, 83-84, 119
- lábio – 121
- lança – 39, 55
- manhã – 72, 89, 99
- mantilha – 49
- mão – 38, 44, 48, 51, 53, 55, 61, 66-67, 85, 121
- marfim – 47
- meio-dia – 75-76, 81
- Melos – 48
- mentir – 41, 57, 82, 109
- meretriz – 18, 27, 30, 34, 42 n. 43, 106
- mês – 36, 66, 106
- mesa – 34, 51-52, 54, 57
- mina – 50, 50 n. 50, 79, 81, 94, 102, 108-109, 112-113, 113 n. 79
- mirra – 51
- misericórdia – 92
- molho – 49
- mulher – 30 n. 30, 40, 42, 42 n. 43, 43, 46-47, 49, 58, 83-84, 88 n. 66, 92, 115
- namorado/apaixonado – 27-28, 31, 40, 40 n. 39, 40 n. 41, 44, 49
- navio – 86-87
- negócio – 28, 80, 107, 112-113
- Neptuno – 18, 63
- noite – 33, 45, 72
- olho – 38, 40, 43, 51-52, 95, 100, 121
- ombreira – 94
- onda – 63, 83
- orelha – 121
- ouro – 49, 68-69
- pai – 5, 28, 31, 37-38, 45, 56, 58-60, 62, 78, 80, 106- 109, 121,
- pano – 40
- parasita* – 33, 99
- patrono – 40 n. 41, 88
- pé – 55, 97, 121
- pedra – 48, 83
- peixe – 25, 34-35
- perfume – 34, 49
- pintura – 48, 95
- Pireu – 17, 35, 35 n. 36,
- plano – 5, 19, 81, 83, 90
- poço – 58, 89
- Pólux – 32, 35, 38, 41-43, 46, 50, 58-59, 63, 72, 77, 81, 84, 89, 93-96, 100-101, 109, 111-113, 116-118, 120-121
- porco – 34
- porta – 32, 36, 51, 61, 61 n.53, 62-65, 69-70, 83-84, 89, 91, 94-95, 97, 100, 103-104, 109, 115-116
- pórtico – 88, 101-102

- porto – 17, 35 n. 36, 55-56, 63, 110
- provérbio – 91, 91 n. 69, 92
- púrpura – 49
- quarenta – 79, 81, 108, 112-113, 113 n. 79
- quatro – 26, 106
- rola – 34
- rua – 17, 35, 51-52
- Salus* – 55, 55 n. 51
- Sarsinate – 13, 16, 25, 89, 89 n. 67
- sede – 42, 58
- seis – 102, 106
- Senado – 83, 115
- senhor (vd. '*amo*') – 18-19, 26, 28, 28 n. 29, 36, 40, 40 n. 41, 46 n. 45, 55, 87, 98-100, 105, 107-108, 110, 115
- servo – 18-19, 25-26, 31, 33, 74, 85, 99
- sessenta – 68
- soldado – 115
- som (musical) – 104
- sombra – 89, 89 n. 67
- sonho – 18, 18 n. 14, 20, 22, 68-69
- talento – 50 n. 50, 55, 81, 102, 108
- tempo – 33, 36-39, 42, 50-51, 67, 76, 78, 82, 88, 91, 91 n. 69, 94, 105, 115
- tinta – 47
- tocadora de flauta – 104, 107
- tramóia – 115-116, 123
- três – 17, 23, 36, 55, 63, 94, 106
- tribunal – 119
- trinta – 50, 107-109
- unguento – 48-49, 51
- usurário (vd. '*agiota*') – 5, 18, 24, 28, 76 n. 64
- velho – 17-19, 23, 26, 30-33, 35-36, 61, 63, 67, 69, 71-72, 77, 83-84, 88, 90-91-93, 95, 104-105, 107, 115
- Vénus – 40
- Verão – 89
- verdade – 25-26, 37, 41, 43, 49, 57, 76, 86, 105-106, 107, 109-110
- viagem – 58, 71 n. 61, 87, 92

VOLUMES PUBLICADOS NA *COLEÇÃO AUTORES*  
*GREGOS E LATINOS – SÉRIE TEXTOS LATINOS*

1. Márcio Meirelles Gouvêa Júnior: *Gaio Valério Flaco. Cantos Argonáuticos*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
2. José Henrique Manso: *Arátor. História Apostólica - a gesta de S. Paulo*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
3. Adriano Milho Cordeiro: *Plauto. O Truculento*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
4. Carlota Miranda Urbano: *Santo Agostinho. O De excidio Urbis e outros sermões sobre a queda de Roma*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2010).
5. Ana Alexandra Sousa: *Sêneca. Medeia*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH/CEC, 2011).
6. Cláudia A. Teixeira, José Luís Brandão e Nuno Simões Rodrigues: *História Augusta. Volume I*. Tradução do latim, introdução e notas (Coimbra, CECH, 2011).
7. Reina Marisol Troca Pereira: *Plauto. A Comédia do Fantasma ('Mostellaria')*. Tradução do latim, introdução e comentário (Coimbra e São Paulo, IUC e Annablume, 2014).

IMPRESSÃO:

ARTIPOL - ARTES TIPOGRÁFICAS, LDA.

ZONA INDUSTRIAL DE MOURISCA DO VOUGA, APARTADO 3051

3754-901 ÁGUEDA

## Resumo da Obra

Numa comédia de ilusão e de conflito de valores, o jovem Filólaques, aproveitando a ausência do pai, endivida-se em festas e compra da liberdade da sua amada escrava. O regresso inesperado do *senex* suscita o engenhoso plano do escravo Tranião. Face à falsa notícia de que a casa estava assombrada, justifica-se o pedido de dinheiro a um usurário para adquirir a casa do vizinho. Desfeitos os momentos de *quid pro quo*, Calidamates, jovem amigo de Filólaques, conduz a um final feliz – depois de acalmar a situação, argumentando que o dinheiro será reposto, o *senex* Teoprópides confere o perdão.

OBRA PUBLICADA  
COM A COORDENAÇÃO  
CIENTÍFICA



CENTRO DE ESTUDOS  
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



• U



C •

